

AS FEIRAS DE CONFECÇÃO APRAZÍVEL, EM SOBRAL, NO CEARÁ; CARUARU, EM PERNAMBUCO; E SERRINHA, NA BAHIA

*Olha aqui, eu tenho moda!
Olha aqui, eu tenho moda!
Olha só freguesa,
É quinze reais qualquer modelo;
Bora moça, tem calça, tem bermuda,
tem blusa, tem short, tem saia.*

Pregão do Vendedor da feira de Serrinha/BA

Ao refletirmos acerca das modalidades de comércio nas cidades, ao longo da história, verificamos que as feiras e os mercados são modos seculares que permanecem até os dias de hoje no espaço urbano. Pintaudi (2006a, p. 81), em seu estudo sobre as transformações dos mercados públicos, salienta que as “[...] formas espaciais (estrutura e função incluídas) têm uma duração no tempo e o seu movimento requer permanente reinterpretação.”. Foi nesse sentido que buscamos refletir sobre o porquê das feiras livres permanecerem até hoje nas cidades, mesmo diante de formas modernas de comércio, a exemplo dos *shoppings centers*.

Entendemos que a permanência das feiras livres até o presente momento como formatos de comércio urbano que suscitem releituras e reinterpretações que não podem ser postas de lado, pois, como veremos no corpo deste capítulo, as feiras livres, em específico, as de confecção, desencadeiam um grande fluxo de mercadorias, pessoas e capitais em várias cidades nordestinas, como demonstraremos com o estudo das três selecionadas como recorte desse trabalho, seja: a

feira de distrito de Aprazível, em Sobral, no noroeste do Ceará; a de Caruaru, no agreste pernambucano, e a de Serrinha, na Bahia.

Acolhemos, assim, a orientação de Pintaudi quando assinala que o uso do método histórico pode nos conduzir à análise das dimensões espaciais e sua gênese, sem perder de vista, a definição atribuída a esta forma espacial de comércio por uma sociedade a cada momento da história. Para essa autora, os mercados públicos compuseram “[...] uma das primeiras formas que marcam a separação homem/natureza, ou seja, do momento em que o homem deixa de produzir sua própria existência, anunciando outros ritmos para o tempo/espaço social, através da troca de produtos” (PINTAUDI, 2006a, p. 81). Segundo a autora, as metamorfoses do mercado público e sua relação com o espaço urbano são reveladas por meio da adaptação às variadas lógicas racionalizadoras do espaço social atual.

Transpondo essa reflexão para a feira livre, conforme vimos no capítulo anterior, ela teve gênese no comércio errante, muitas vezes livre das regras locais ou submetidas às normas especiais (isenções de impostos) distintas das praticadas pelo comércio local. A feira teve também um papel fundamental no desenvolvimento das cidades comerciais, sobretudo, na Idade Média, estabelecendo redes de comércio que tinham as grandes feiras como centros distribuidores. Estas, tamanha a grandeza e importância, ficaram conhecidas pela alcunha das cidades que as acolhiam, a exemplo da feira de *Lyon* ou de *Champagne*. As feiras atravessaram os séculos, a transição do regime feudal ao do capital, adequando-se à nova lógica como importantes centros de câmbio de moedas e de crédito entre mercadores e compradores de mercadorias. As feiras transpassaram mares, ganharam outros continentes. Entraram em declínio com o surgimento das bolsas e a substituição do fluxo comercial contínuo no lugar do intermitente. O progresso dos meios de transporte e infraestruturas de apoio permitiram maior eficiência das redes de distribuição de mercadorias.

No contexto da formação social brasileira¹, a feira foi marcada pelos modos de ocupação e produção dominante no período colonial, isto é, a produção de açúcar para exportação. A feira, no período colonial, destacou-se, principalmente, pelo comércio do gado criado no sertão, longe do plantio de cana, destinado ao abastecimento das regiões monocultoras. Posteriormente, a feira agregou junto a si a produção do campo, das pequenas propriedades, visando ao abasteci-

¹ Para Santos (2004, p. 236), é por meio de “[...] cada Formação Social que se cria e recria, em permanência, uma ordem espacial de objetos que é paralela à ordem econômica, à ordem social, à ordem política, todas essas ordens atribuindo um valor próprio particular, às coisas, aos homens e às ações promanando dela.”.

mento dos núcleos urbanos. Vários desses núcleos tiveram origem no comércio da feira de gado.

A feira, a exemplo do mercado, teve que se adaptar às racionalidades da urbanização da sociedade, pondo à prova sua razão de ser no espaço urbano. A indagação poderia ser a seguinte: para que serve a feira livre? Qual é o papel desempenhado por ela hoje? Com o desenvolvimento de outros espaços dedicados ao comércio, como as lojas de departamento, os centros comerciais e, mais recentemente, a chegada de *shopping centers*, o papel reservado às feiras e mercados parece ter se restringido ao abastecimento de alimentos, e isso também é objeto da concorrência dos grandes centros atacadistas e redes de supermercados. Assim, o que restou para a feira livre? Diante das modernas formas de comércio, as feiras se mantiveram e prosperaram em setores tradicionais e marginais da economia urbana².

Conforme mencionado no capítulo anterior, quando Gilberto Freyre tomava nota dos pregões dos vendedores ambulantes das feiras e mercados do Recife, ele ressaltava as falas e dizeres dos vendedores de pitomba, de macaxeira, de mungunzá, de bolo e caldo de cana que, no geral, eram produtos que remetiam ao universo do campo.

Em nossas pesquisas, observamos que as feiras não perderam essa característica da típica agitação que os feirantes fazem para atrair compradores, usando do colorido das barracas sortidas ou da sonoridade dos dizeres dos pregões. Como divisamos, porém, na fala de um vendedor na feira de Serrinha/BA, estes não ressaltavam somente a doçura das frutas, mas anunciavam outros produtos, dizendo: “*Olha aqui, eu tenho moda! [...] É quinze reais qualquer modelo; Bora moça, tem calça, tem bermuda, tem blusa, tem short, tem saia*”. Ao nosso ver, esse fato é revelador de outro momento histórico vivido nos espaços das feiras-livres dedicados ao comércio de confecção. Esse é o “leitmotiv” que conduz para o encadeamento dos capítulos.

No contexto urbano marcado pelo desemprego decorrente da modernização capitalista, a inserção crescente do comércio da confecção popular na feira tra-

² Verificamos isso em nossa dissertação de mestrado, quando estudamos a feira de artesanato da avenida Beira-Mar em Fortaleza/CE, no final da primeira década do século XXI. Essa foi criada por artesãos que comercializam suas peças de artesanato nas calçadas em frente aos primeiros hotéis que se estabeleceram na orla marítima de Fortaleza no final dos anos de 1970. A feira de artesanato foi aumentando à medida que a atividade turística foi se expandindo na Capital. Essa feira dedicada ao comércio de artesanato, todavia, no momento da pesquisa, já contava com um número significativo de vendedores de confecção. Dos 100 questionários aplicados na feira, em 2009, a maioria era de artesãos, correspondendo a 43%, 22% eram de vendedores de artesanato, outros tipos de mercadorias (5%), enquanto 30% eram de vendedores de confecção (GONÇALVES, 2009).

dicional surge como adaptação criativa à dinâmica contemporânea que agrega novos elementos à feira nordestina. Acreditamos que ela se metamorfoseia, muitas vezes, tende à mudança de configuração, estrutura e periodicidade para permanecer atual. Isso, todavia, não ocorre sem conflitos e resistências.

Buscamos comprovar, por meio dos recortes estudados, que essa expansão do comércio de confecção popular nas feiras livres do Nordeste brasileiro não se restringiu somente àquelas situadas nas capitais nordestinas, mas também se difundiu por inúmeras cidades médias e pequenas no interior dessa região, ensejando novas geografias, outros fluxos em feiras antes dedicadas apenas ao comércio de subsistência.

Novas feiras foram criadas dedicadas, exclusivamente, ao comércio de confecção, por isso estamos nos apropriando da expressão Feira de Confecção, haja vista a influência que a confecção popularmente produzida tem em formar novas aglomerações de comércio no formato de feiras. Estas passaram a influenciar, sobremaneira, a dinâmica socioespacial de várias aglomerações urbanas, dinamizando fluxos de pessoas, capitais e mercadorias, o mercado de trabalho, fazendo com que espaços, pouco permeados pelo capital comercial, uma vez submetidos a essa lógica, passassem por mudanças a submeter, mesmo que em parte, à sua lógica.

De modo geral, as feiras contemporâneas guardam as mesmas características das feiras medievais, sobretudo, quanto à periodicidade e à maneira de ocupação temporária do espaço público, com bancas de madeiras ou, mais recentemente, com barracas montadas com estruturas de ferro tubular onde as mercadorias são expostas. Em alguns casos, essa inserção do comércio da confecção ocorreu com a adaptação de feiras. Foi o que observamos nas feiras estudadas, nas quais muitas bancas que comercializavam gêneros alimentícios ou artesanato foram sendo substituídas, pouco a pouco, por bancas de comércio de confecção popular. A produção confeccionista, marcada, sobretudo, por pequenos agentes produtores autônomos ou microempresas, fações, impulsionou o comércio da confecção popular nas feiras, todavia, buscaremos aprofundar esse e outros aspectos nos capítulos seguintes.

Intentaremos, neste capítulo, melhor caracterizar a figura do feirante no universo das três feiras estudadas e suas trajetórias de vida. De outro modo, buscamos apreender a dinâmica das feiras estudadas, principalmente, no que se refere aos aspectos de organização e funcionamento no que tange às relações de trabalho e à comercialização dos produtos. Primamos, ainda, por identificar o papel exercido pelos sujeitos envolvidos quanto à posição que ocupam no circuito da feira, identificando, de modo específico, as atividades desenvolvidas, origem e situação. Pas-

samos, a seguir, à caracterização das três feiras relacionadas para estudo, iniciando por aquela considerada como uma das maiores feiras de confecção do interior do Estado do Ceará, a feira de confecção do Distrito de Aprazível, no Município de Sobral. Em seguida, tratamos da feira da Sulanca, em Caruaru, uma das principais feiras de comercialização de roupas do polo de confecção do agreste pernambucano, finalizando com a de Serrinha, no sertão da Bahia.

4.1 A FEIRA DO APRAZÍVEL, SOBRAL/CE: EXTENSÃO GEOGRÁFICA DA PRODUÇÃO E COMÉRCIO DE CONFECÇÃO POPULAR DE FORTALEZA/CE

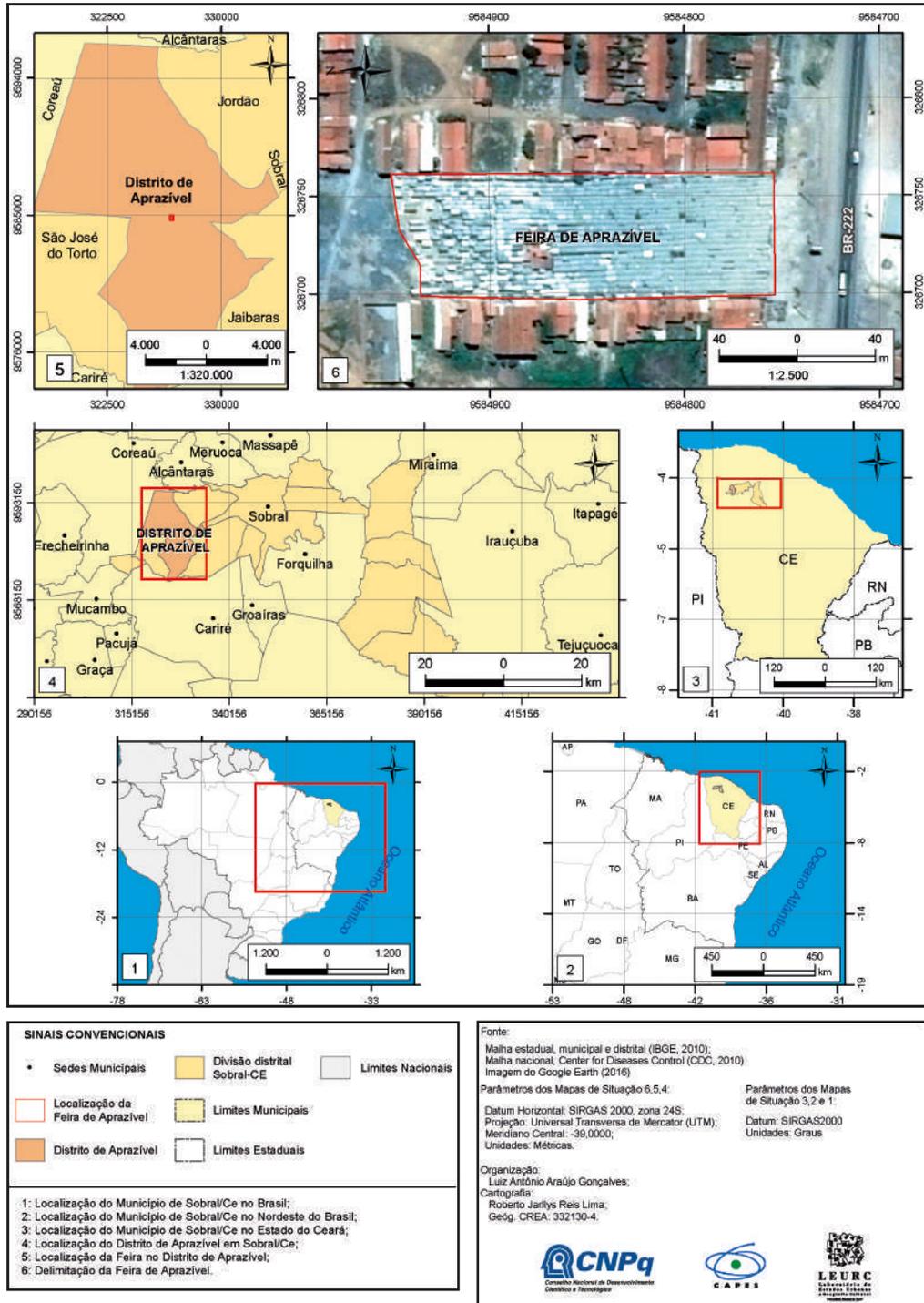
A feira do Aprazível está localizada no Distrito de mesmo nome, situado a cerca de 20 quilômetros do Distrito-Sede do Município de Sobral, no Ceará, conforme a figura 5 a seguir. Embora a cidade seja denominada carinhosamente como a “Princesa do Norte”, o Município de Sobral compõe a mesorregião noroeste cearense e, de modo particular, a microrregião de Sobral, estando localizado a uma distância de 232 quilômetros de Fortaleza, contando com 13 distritos³. A população do Município é de 188.233 habitantes, e a de Aprazível, situado em sua porção oeste, tem uma população de 2.996 habitantes (IBGE, 2010c). A população do Município estimada para o ano de 2016 foi de 203.682 habitantes (IBGE, 2016). Criado em 1998, este Distrito encontra-se em um entroncamento de duas rodovias estaduais e uma federal (CE-364, CE-253 e BR-222). A feira de confecção localiza-se, justamente, às margens da rodovia BR-222⁴ e destaca-se por ser uma das mais movimentadas do interior do Estado e vem modificando a dinâmica daquele distrito.

O comércio de confecção popular dessa feira ocorria, entretanto, na Sede do Município de Sobral, mais especificamente, na praça de Cuba, antes denominada de praça da Meruoca. Trataremos a seguir, de modo breve, da origem e tradição comercial de Sobral, destacando os espaços de comércio, ou seja, a feira e o mercado, para, em seguida, apontarmos o contexto que levou a feira de confecção para o Distrito de Aprazível.

³ A divisão distrital do Município de Sobral/CE: Sobral (1772), Caracará (1933), Jordão (1935), Patriarca (1938), Aracatiçu (1843), Taperuaba (1943), Jaibaras (1951), Rafael Arruda (1957), Bonfim (1963), Caioca (1964), São José do Torto (1989), Aprazível (1998), Patos (2003). (IPECE, 2012).

⁴ Referida rodovia tem sentido Leste-Oeste, ligando vários municípios e estados da região Nordeste com os da região Norte do País e vice-versa. A rodovia tem início em Fortaleza, passando por cidades como Sobral, Frecheirinha e Tianguá, ainda, no Ceará, até chegar a Piripiri, no Estado do Piauí. Desta cidade até Chapadinha, no Maranhão, ela passa por trechos intermitentes, coincidindo com várias rodovias estaduais (PI-117, MA-034, MA-234). De Chapadinha/MA, segue por trecho pavimentado até a cidade de Marabá, no Pará. Daí em diante, a BR-222 tem trecho planejado de interligação com a BR-158 que termina em Altamira/PA (DNIT, 2013a; 2013b; 2013c).

Figura 5 - Mapa de localização da feira de confecção do Distrito de Aprazível, Sobral/CE.



4.1.1 A feira e o mercado na cidade de Sobral/CE

O Município de Sobral originou-se, de acordo com Martins Filho e Girão (1966), da povoação formada da fazenda Caiçara, erigindo-se a Vila Distinta e Real de Sobral em 5 de julho de 1773, sendo elevada à categoria de cidade pela “[...] Lei nº 229, de 12 de janeiro de 1841, com o título de Fidelíssima Cidade de Januária do Acaraú, nome que a Lei nº 244, de 25 de outubro de 1842, extinguiu, restabelecendo a anterior denominação de Sobral” (p. 504).

De acordo com Dom José Tupinambá da Frota⁵, o núcleo da povoação se formou sem alinhamento nem praças. Havia uma manifestação da Câmara para dar solução à tortuosidade e irregularidade das ruas e casas construídas. Com o tempo, algumas edificações foram sendo demolidas, as casas foram numeradas e as ruas, becos e travessas receberam denominações, conforme segue a citação: “Na sessão de 19 de outubro de 1842, a Câmara resolveu a numeração e denominação das ruas, becos e travessas da cidade” (FROTA, 1974, p. 447).

Havia uma inquietação pelo ordenamento das ruas e o embelezamento da cidade, algo perseguido pelos sujeitos ilustres na segunda metade do século XIX. Dentre as ações de alinhamento das ruas, abertura de becos e travessas, Frota (1974) nos relata a construção de uma praça idealizada pelo Capitão Ângelo José Ribeiro Duarte. Em sessão ordinária da Câmara Municipal de Sobral, ocorrida em 10 de outubro de 1884, ele solicitava a concessão para o estabelecimento de uma praça acima de sua propriedade. A resposta da Câmara Municipal veio somente em 17 de janeiro de 1885 com o parecer da comissão nomeada para o caso:

A comissão nomeada em sessão de 10 de novembro de 1884 para dar seu parecer acerca de hua requisição do Capitão Angelo José Ribeiro Duarte, afim de se crear hua praça na rua do Rosário onde o mesmo está edificando, apresentou o seu parecer a respeito da criação da Praça no fundo do Rosário, estrada da Serra, ao depois de ter observado os estados da linha de muitas ruas que se dirigem aquele lugar hé de opinião que se forme hua praça [...] devendo a Praça ter 523 palmos entre hua e outra, que hé o espaço vazio que existe: dar-se-há 300 palmos de largo para frente e dos quarteirões que se findarão formando outros dois, o que tudo se mostra pela planta juncta a este parecer.

A Praça denominar-se-há Praça da Meruoca [...] a Comissão espera hé que a Câmara dê providências para não se levantar mais casas sem respeito hua das outras como está acontecendo e que não se consinta reaparecerem as casas já edificadas que posam servir de obstáculo à formação da mesma praça e que as casas de novo edificadas sejam todas esquadriadas. Tudo isto que a Comissão lembra já se acha determinado por posturas e somente exige a observação delas [...] [sic] (FROTA, 1974, p.450-451, grifo nosso).

⁵ Primeiro Bispo de Sobral, eclesiástico de grande influência em Sobral.

A Praça da Meruoca, renomeada posteriormente, de Praça General Tibúrcio, será retomada mais adiante, dada sua importância no contexto do surgimento da feira de confecção do Distrito de Aprazível. No que se refere ao desenvolvimento das atividades comerciais em Sobral, no entanto, Frota (1974) nos relata que o primeiro mercado da cidade foi construído de modo muito rudimentar, provavelmente associado ao comércio do gado⁶, haja vista sua localização próxima ao curral do açougue e da rua da Gangorra⁷. O segundo mercado foi edificado em fevereiro de 1821 em uma praça que passou a ser denominada de Praça do Mercado. No dia 28 do mesmo mês e ano, a Câmara Municipal decretava dez posturas para quem tencionasse comercializar no novo mercado:

- 1º Que do dia 5 de Março em diante deve haver somente no Mercado Público toda a compra e venda de mantimentos e gêneros do paiz.
- 2º Permitta-se nelle também a venda de líquidos e ainda de bebidas espirituosas, guardada nesta a moderação à tranquilidade publica.
- 3º Nenhum ronceiro ou outro qualquer vendedor, tendo de vender os seus mantimentos, legumes ou pescado, **poderá fazê-lo senão no dito Mercado**, aonde dirigirá os seus carros e cargas em direitura, sem que dê logar a ser-lhe convocada a venda por travessia, a qual é proibida em toda a sua extensão, quer da parte do vendedor, quer da do atravessador: Bem entendido, que se não compreendem neste artigo as cargas que cada um manda vir para o consumo de sua casa e sustento da sua família.
- 4º Deverão **os vendedores, donos dos mantimentos de todas as qualidades entrar na Praça e expor ao povo a venda franca** do que tiverem a vender pelos preços que lhe fizerem conta.
- 5º Não poderão, caso não achem extração ao que têm a vender, levantar a venda ao povo, enquanto não tiverem assim estado três horas ao menos.
- 6º **Findas ditas três horas, para benefício da agricultura e povo lhes é permitido vender pelas ruas** ou a quem quizerem; devendo porém para assim praticar, obter primeiro bilhete de licença do Almotacé, escrita pelo Escrivão de que este lhe levará um vintém, quer de muitas quer de poucas cargas, contanto que sejam de um só dono: sem o qual é prohibida dita venda pelas ruas ou a quem quizer.
- 7º Contemplando este Concelho os commodos que experimentão os lavradores e mais pessoas na mesma Praça, em que se gastou tão utilmente grande somma de dinheiro, e há falta de rendimentos do Concelho, devendo-se conciliar por todos os modos o interesse publico com o particular: Ordena mais o mesmo Senado o seguinte – De cada carro que conduzir à praça gêneros e mantimentos do seu consumo, **pagar-se-ão oitenta reis, e de cada uma carga de cavalo, vinte reis.**

⁶ A cidade de Sobral tem origem com o ciclo do gado e, conseqüentemente, do comércio do couro e da carne salgada (charqueada). No final do século XIX, a atividade criatória juntou-se ao cultivo do algodão, formando assim o binômio gado-algodão. Sobral tornou-se, assim um centro coletor de produtos vindos do sertão e das serras do oeste cearense (HOLANDA, 2000, p. 36).

⁷ Frota (1974, p. 455) relata que essa rua era “[...] assim chamada por haver naquele sítio uma gangorra para prender gado.”

- 8º Haverá no Mercado huma pessoa capaz, que a Camara eleger para cobrador; e observar-se-há nesta cobrança a maneira seguinte – O Juiz Almotacé nomeará de seus officiaes semanalmente, hum, o qual será obrigado a estar na Praça. Este hirá dar entrada a todos os Carreiros, e condutores de carga; ele os lançará em hum quaderno com seos nomes, quantias, e qualidades de mantimentos. Depois hirão pagar ao Cobrador, que fará igual assento; e no fim da Semana, cada hum levará e receberá o que tiver produzido; e dará contagem à Camara de qualquer duvida, ou inconveniência para ser providenciada; devendo ao mesmo tempo o juiz Almotacé ter toda a vigilância nisto; podendo fazer todos os exames, e indagações afim de obter-se a exatidão; e como tanto o official, como cobrador ficarão onerados nesta cobrança, concede este Senado a cada hum deles cinco por cento da cobrança liquida, que lhes poderão ser entregues pelo Procurador; quando veja que procedem com lisura e atividade eloquente.
- 9º Os regatoens não poderão por meios directos ou indirectos atravessar mantimentos, nem tão bem aumentar escandalosamente os seus preços.
- 10º Toda e qualquer pessoa que contrariar por qualquer forma o determinado nas presentes Posturas, incorrerá nas penas de trinta dias de cadeia e seis mil reis de condenação para as despesas do Concelho. Os Juizes Almotacés ficão responsáveis por seu inteiro, activo e zeloso cumprimento’ (FROTA, 1974, p. 455-457, grifo nosso).

Conforme podemos verificar na citação anterior, com a construção do novo mercado, a Câmara Municipal logo tratou de regulamentar o comércio, estabelecendo horários, controles e onerações. Assim, o comércio de mantimentos e gêneros, como legumes e pescados, só poderia ser realizado num só lugar – a Praça do Mercado – para onde deveriam ser direcionadas todas as cargas de animais e carros que vinham da zona rural.

Tendo em vista a acomodação dos vendedores no espaço da Praça do Mercado, o Conselho Municipal estabeleceu a cobrança pela ocupação daquele espaço. Dessa maneira, para cada carro de transporte de gêneros e/ou de mantimentos, era cobrado o valor de 80 réis e de 20 réis para cada cavalo carregado. Um cobrador era nomeado pelo Conselho Municipal para fazer essa cobrança semanal na praça, sendo remunerado com 5% da arrecadação líquida das cobranças. Ao mesmo tempo, o Conselho não permitia o aumento exorbitante do preço dos alimentos, muito menos a ação de atravessadores na Praça do Mercado.

A Praça do Mercado foi uma referência espacial para o comércio da cidade. Armazéns de estivas, dentre outros estabelecimentos comerciais, faziam anúncios, nos jornais da época, usando a Praça do Mercado como ponto de localização para seus clientes. De outro modo, a feira era tomada como ponto de referência no caso de mudança de ponto comercial, com anúncios de comerciantes informando aos seus clientes da mudança do seu estabelecimento.

Apesar de não haver em Frota (1974) uma menção mais clara e incisiva sobre a ocorrência de uma feira na cidade de Sobral, entendemos que o comércio de gêneros e mantimentos por vendedores que vinham da zona rural para o

comércio a céu aberto na Praça do Mercado constituía aí uma feira livre⁸. Esta se estendia ao longo da Praça do Mercado, conforme o acervo iconográfico do Museu Diocesano Dom José, em Sobral, que mostra a aglomeração de pessoas e animais de cargas na Praça do Mercado, em 1905.

O Mercado Público edificado na Praça foi demolido na gestão do então prefeito Vicente Antenor Ferreira Gomes, nos anos 1940. A justificativa deu-se pelo anseio de embelezamento daquela praça. Para isso, a construção de outro mercado público foi iniciada em 1937, no bairro Junco, nas proximidades do Cemitério Público São José, não obstante a oposição de quase todos os negociantes que estavam instalados ao redor daquele prédio (FROTA, 1974, p. 458). O “Novo” Mercado Público de Sobral foi inaugurado em 03 de março de 1940, onde ainda hoje permanece como um ponto de referência central (Figura 6) de compras⁹ e abastecimento da população da cidade e região de influência de Sobral.

Passado mais de um século, justamente na Praça da Meruoca¹⁰, teve início uma feira livre nos anos 1990 (1994-95). Segundo o relato dos feirantes com quem podemos conversar, a feira se originou de pequenos fabricantes e feirantes que vinham de Fortaleza uma ou duas vezes por semana para comercializar a confecção fabricada na Capital cearense e também (como extensão) em outras feiras de cidades da região noroeste do Estado, a exemplo das feiras do Ipu, São Benedito, Tianguá, Viçosa do Ceará, dentre outras.

A feira de comércio de confecção popular, que se iniciou na Praça da Meruoca, viu crescer o número de barracas e feirantes com o passar dos anos, causando incômodo ao setor lojista (CDL), que pressionou o poder público pela sua retirada da área central da cidade de Sobral. Foi, todavia, nesse contexto que teve origem a atual feira de confecção de Aprazível.

⁸ Em trabalho de campo realizado em Sobral, buscamos, em conversas informais com pessoas idosas sentadas no Beco do Cotovelo, afamado local de encontro das pessoas da cidade, algum registro oral na memória coletiva sobre a existência de uma feira livre na cidade de Sobral. Vários senhores, recorrendo às suas lembranças, relataram desconhecer a existência de outra feira livre que não fosse a de confecção da Praça da Meruoca, a não ser a presença de vendedores de rua que comercializavam frutas e verduras em frente ao mercado. Segundo eles, estes sujeitos também foram impedidos de trabalhar ali pela Prefeitura; todavia, lembravam-se de uma “feira de roupas” que ficava na Praça da Meruoca, rebatizada de Praça de Cuba na gestão do prefeito Cid Ferreira Gomes (Gestão 2000-2004).

⁹ O escritor Lustosa da Costa (2011, p. 186), em suas crônicas sobre Sobral para O Entardecer, declara sua predileção pelos ambientes da feira e do mercado. Em um de seus retornos a Sobral, relata sua passagem pelo Mercado Público, percorrendo os balcões de carne, peixes, frutas, verduras e gêneros. Naquele dia, o motivo de sua visita foi as rapaduras e cajus.

¹⁰ Segundo o relato dos moradores mais antigos com quem pudemos conversar no Beco do Cotovelo, a Praça da Meruoca recebia esse nome devido ser aquela praça o ponto de concentração dos carros que faziam o transporte de passageiros e cargas entre Sobral e o Município de vizinho de Meruoca.

Figura 6 – Mercado Central de Sobral/CE



Fonte: Próprio autor, 2015.

Os feirantes que antes estavam na Praça da Meruoca foram removidos nos anos 2000 com a reforma desse logradouro. Parte deles foi realocada no Mercado Central, isto é, aqueles que eram originários de Sobral, enquanto outra parte ocupou por um curto período a praça do Centro de Convenções. Os feirantes transferidos para o Mercado Central foram instalados em boxes padronizados localizados no primeiro pavimento desse prédio.

Com a retirada da feira de confecção da Praça da Meruoca, a Prefeitura Municipal de Sobral, por meio da Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Econômico – STDE, passou a desenvolver vários projetos, como parte integrante do Programa Trabalho Pleno nas áreas de: Artesanato, Beleza, Empreendedor Itinerante – EI, Confecção e Circuito de Feira nos bairros e distritos. Dentre estes, os dois últimos projetos chamam a atenção, tendo em vista que o penúltimo tem como público-alvo os confeccionistas autônomos, grupos produtivos de confecção (formais e informais) e empresas formalizadas, tanto na Sede quanto nos Distritos. Segundo informações constantes no *site* da STDE, o projeto Confecção tem como objetivo a organização tecnológica, gerencial de empreendimentos, com foco na geração de emprego e renda por meio do alcance de padrões de competitividade. Já o segundo projeto que visa à formação de um circuito de feiras nos bairros e distritos, criado em 2003, com a parceria do SEBRAE local, teve como objetivo a comercialização de produtos e serviços dos micro e pequenos empreendedores, profissionais autônomos e artesãos.

4.1.2 A feira de confecção do Distrito de Aprazível: outra feira, outra dinâmica

Torna-se difícil falar da feira de Aprazível sem nos remetermos à cidade de Sobral e às intervenções decorrentes do ordenamento urbano nesta cidade, o que envolveu o enquadramento das feiras e mercados. Segundo Parente (2015), em virtude “[...] das inúmeras reclamações, o sindicato dos lojistas, que julgara a feira prejudicial ao comércio local, conseguiu transferi-la da sede do município, Sobral, para o Distrito de Aprazível em julho de 2001,” (p. 32). A princípio, houve certa indecisão quanto à escolha do local para aqueles feirantes não beneficiados com um boxe no mercado, porém, a reclamação dos lojistas e as intervenções urbanísticas na Praça da Meruoca contribuíram para que se buscassem outras áreas fora da Sede do Município, principalmente, para os feirantes vindos de fora.

Após algumas indicações, por parte de feirantes e lideranças locais, de localidades próximas para a instalação da feira de confecção, a escolha recaiu sobre o Distrito de Aprazível, localidade com situação geográfica favorável em razão do entroncamento rodoviário, já comentado, viabilizador dos fluxos como um ponto intermediário de Fortaleza com o mercado consumidor dos estados das regiões Norte-Nordeste, constituindo, assim, uma nova centralidade do comércio da confecção.

A feira se instalou fora dos limites da Sede de Sobral e do maior rigor das normas urbanas. Isso nos permite fazer algumas analogias com as antigas feiras medievais que se instalavam fora dos muros da cidade, por serem feiras realizadas por mercadores “estrangeiros”. No caso de Aprazível, como trataremos oportunamente, grande parte dos feirantes também é originária de outros municípios. Na pesquisa de campo, nos deparamos com vários sujeitos que empreendiam esse trabalho, passando por várias cidades que não a sua de origem, comercializando seus produtos e reafirmando o caráter do comércio errante, mascate.

Parente (2015), tratando da feira de Aprazível, destaca o fato de que, nos anos 1960-70, a feira que havia nesse Distrito e que ocorria aos domingos, era formada por agricultores e pequenos pecuaristas da região. Esta deixou de existir dando lugar à outra que surgiu nos anos de 1980 nas proximidades da BR-222. Eram feiras bem diferentes da atual, haja vista que estavam voltadas ao comércio de abastecimento de produtos agrícolas, não tendo, portanto, grande relação com a feira de confecção atual.

Os conflitos relacionados ao crescimento do número de feirantes, a pressão gerada pela adequação à norma urbana e a concorrência do comércio de

confecção popular na feira, frente a outros estabelecimentos do setor do comércio, fizeram com que esta fosse transferida para o Distrito de Aprazível. Este não tinha muita expressão, a não ser o fato de ser um entroncamento rodoviário e, mesmo assim, mais afastado da Sede do Município. Segundo informações dos feirantes, a feira de confecção foi transferida para Aprazível, em 2001, com 376 feirantes. Ali, os feirantes se organizaram e criaram a Associação dos Feirantes do Aprazível – AFA.

No início, a feira funcionava às segundas-feiras, passando, posteriormente, a funcionar aos domingos. Seu funcionamento, atualmente, ocorre nas sextas-feiras, começando sempre nas madrugadas e terminando por volta das dez horas da manhã. Podemos afirmar que a feira de Aprazível se tornou uma das maiores feiras de confecção do interior do Estado do Ceará, contando com média de 700 feirantes.

Conforme conversa informal com o ex-gerente de Feira e Mercados de Sobral, ele nos informou que, do ponto de vista administrativo, essa Gerência foi transferida da Secretaria de Conservação e Serviços Públicos para a Secretaria de Tecnologia e Desenvolvimento Econômico (STDE). Tal ação pode ser justificada pela relevância e dinâmica ensejadas pela feira de confecção. Ele nos falou, ainda, que, no período atual, a cidade de Sobral não possui feiras livres¹¹ em outros bairros da cidade, tendo apenas o Mercado Central como referência para o abastecimento de gêneros.

A feira de Aprazível também está, de certo modo, articulada com outras feiras de confecção que ocorrem na região Noroeste do Estado, formando assim uma rede de feiras que acontecem em distintos dias da semana. Constatamos no decorrer da pesquisa que um comboio de dez ônibus alugados pela AFA sai de Fortaleza na quarta-feira, tendo como primeiro destino a feira de confecção localizada no Município de São Benedito, no planalto da Ibiapaba. Na madrugada da quarta para quinta-feira, ocorre a feira na Sede do Município de São Benedito.

A feira de São Benedito ocorre na Praça do Santuário de São Francisco, no quadrilátero entre as ruas Abdoral Rodrigues, a leste, Rua Capitão Carapeba, ao oeste, Rua Antônio Avelino ao sul e rua Eleazar Gomes. Os ônibus estacionam nas ruas próximas da Praça do Santuário nas frias madrugadas de quarta para quinta-feira. Os fardos de confecção são desembarcados dos ônibus e transportados por carregadores em carrinhos, juntamente com outros acessórios da barraca, a exemplo de manequins, expositores, lona para coberta, dentre outros. Nesse momento – de montagem da feira – os carregadores, figuras quase anônimas,

¹¹ Relatou, também, que a antiga feira livre situava-se nas imediações do mercado no começo da rua Domingos Olímpio, mas não há mais registro da ocorrência de uma feira ali.

exercem importante papel de distribuição dos fardos de confecção, juntamente com os montadores das barracas (Figura 7). Em geral, utilizam carrinhos de carga para levar as mercadorias desembarcadas dos ônibus, passando pelas ruas até chegar às barracas. Estas, ao serem montadas, vão dando fisionomia à feira em meio à escuridão da noite de modo que, ao amanhecer, a feira já está completamente montada (Figura 8).

Figura 7 – Montagem das barracas na Praça da Igreja de São Francisco - São Benedito/CE.



Fonte: Próprio autor, 2013.

Figura 8 – Barracas montadas no entorno da Igreja de São Francisco - São Benedito/CE.



Fonte: Próprio autor, 2013.

Para a organização da feira, são cobradas duas taxas aos feirantes. A primeira, no valor de R\$ 10,00 (em 2013), refere-se à ocupação do espaço no largo da igreja de São Francisco e é encaminhada à Ordem Franciscana. Já a segunda taxa é referente à cobrança do aluguel e montagem da barraca.

A feira de confecção de São Benedito é encerrada por volta das 11 horas da quinta-feira. Então, começa outro trabalho para recontagem dos produtos de confecção e embalagem em fardos, juntamente com os manequins expositores. A barraca é desmontada com a retirada da lona, das esteiras e desmonte das estruturas de ferro da barraca.

Na quinta-feira, após o meio dia, os ônibus com as mercadorias e os feirantes descem o planalto da Ibiapaba com destino à cidade de Ipu. O tempo de desmonte das barracas, embarque dos fardos de mercadorias e transporte de ônibus até a cidade de Ipu é o necessário para a montagem de outra feira, nesta cidade situada no sopé da Ibiapaba. O deslocamento leva o tempo necessário para que os feirantes consigam montar as barracas, organizar as mercadorias ao final da tarde e atenderem ao grande número de pessoas que visitam a feira de confecção de Ipu. Esta feira, antes, ocorria nas ruas do centro da cidade, sendo transferida em 2010 para o clube Grêmio Recreativo Ipuense¹² (Figuras 9 e 10), em razão de vários impasses e reclamações da população referentes aos incômodos que a feira trazia.

¹² O *Diário do Nordeste* de 22/01/2010 publicou matéria em seu caderno regional com o seguinte título: “Feira de Ipu se realizará em clube”. Segundo a matéria, a feira de confecção antes era realizada na praça principal da cidade, acarretando uma série de dificuldades, como a alteração do trânsito nos dias de feira, a falta de infraestrutura para feirantes e compradores, bem como o acúmulo de lixo nas ruas. A mudança da feira, entretanto, dividiu a opinião dos feirantes, pois, para uns, a feira deveria continuar na praça devido ser um lugar central para todos. Já para outros feirantes, a transferência da feira para o Grêmio Recreativo Ipuense traria mais conforto com a infraestrutura de sanitários, praça de alimentação e serviços de iluminação, limpeza pública e segurança. Segundo a matéria, o espaço do clube contava com cerca de 18 banheiros e estacionamento com capacidade para 100 ônibus, todavia ficava mais afastado da área central da cidade e tinha deficiências de vias de acesso. A questão do pagamento de taxas pela ocupação do solo também foi uma pauta considerada para mudança do local da feira, haja vista que, segundo a fala do secretário de Desenvolvimento Econômico da época, Sr. Antônio Cicero Jerônimo, o prefeito Sávio Pontes havia liberado a realização da feira por cinco semanas sem o pagamento de tributos ao Município. Entendemos que essa medida foi usada para atrair mais feirantes para o novo local. Com a vinda da feira para o Grêmio Recreativo Ipuense, esta passou a ter a capacidade de montagem de 1.100 barracas. Ainda segundo a matéria do referido jornal, um grupo de 100 feirantes descontentes com a decisão de mudança do local da feira, havia decidido montar suas barracas na cidade vizinha de Varjota. Importante é ressaltar que a feira de confecção de Ipu também é organizada pela Associação dos Feirantes de Apuzável – AFA.

Figura 9 – A feira de confecção do Ipu/CE e a escarpa do planalto da Ibiapaba, em segundo plano.



Fonte: Próprio autor, 2013.

Figura 10 – Barracas montadas perto ao palco do Grêmio Recreativo Ipuense.



Fonte: Próprio autor, 2013.

A feira de Ipu é encerrada por volta das 22 horas. A desmontagem das barracas e o embarque dos fardos de mercadorias no comboio de ônibus do grupo de feirantes termina tarde da noite, de modo que muitos feirantes chegam ao Distrito de Aprazível para ali pernoitar já quase de madrugada para, em poucas horas, estarem de pé para mais uma feira, a terceira em dois dias. A feira de Aprazível (Figuras 11 e 12) é a mais representativa da rede de feiras de confecção do noroeste cearense, visto que atrai mais feirantes e compradores de municípios próximos, de outros estados e até de outras regiões, como podemos verificar nos capítulos seguintes.

Figura 11 – Feira de confecção do Aprazível, ainda de madrugada.



Fonte: Próprio autor, 2012.

Figura 12 – Vista frontal da feira de confecção do Aprazível - Sobral/CE.



Fonte: Próprio autor, 2014.

Além dos ônibus, é também expressivo o fluxo de “vans” que fazem o transporte coletivo e também de carros particulares. Ainda de madrugada, chegam veículos de várias localidades, municípios próximos, e também de outros estados. Do mesmo modo, vários carros (*Topics, Sprinter etc.*) fazem rotas de vários municípios e distritos para Aprazível em dia de feira.

Por volta das dez horas da manhã, a feira de confecções de Aprazível vai diminuindo o ritmo e o Distrito retornando ao seu cotidiano pacato, que durará até o próximo dia de feira, estabelecendo-se, com efeito, uma paisagem contrastante como podemos visualizar nas figuras 13 e 14. Isso reafirma a característica da periodicidade dos *mercados periódicos* apontada por Corrêa (2011) e que existe na feira de Aprazível.

Figura 13 - Fluxo de feirantes e compradores no dia de feira em Aprazível, Sobral/CE.



Fonte: Próprio autor, 2015.

Figura 14 - Corredores e barracas vazias em dias da semana.



Fonte: Próprio autor, 2015.

Na rede de feiras de confecção, ainda estão incluídas duas feiras: a do Distrito de Deserto, em Itapipoca/CE e a feira da rua José Avelino em Fortaleza/CE que acontece aos domingos, finalizando esse circuito. Na sexta-feira, encerrada a feira do Aprazível, os feirantes formam grupos, tomando direções diversas. Uma parte deles se desloca para outras cidades do Planalto da Ibiapaba para estarem no sábado nas feiras livres de Tianguá e Viçosa do Ceará, enquanto que outra parcela dos feirantes se dirige para o Distrito de Deserto, situado no Município de Itapipoca/CE, às margens da rodovia estadual CE-354.

A montagem das barracas tem início no dia anterior, na tarde de sexta-feira. Às 16 horas, já podemos ver praticamente todas as barracas montadas e enfileiradas na praça da capela de São João Batista e ruas adjacentes (Figura 15). No sábado, a feira vira um labirinto de roupas expostas em manequins e cabides

pendurados nas barracas, atraindo grande número de compradores das localidades e municípios próximos (Figura 16).

O Distrito é pacato, sem maiores movimentações, a não ser da rodovia e da linha férrea que cruza a estrada justamente na via de acesso ao Distrito. Essa feira, a exemplo das outras já mencionadas, comercializa, sobretudo, confecção popular e, portanto, contribui para a economia local. Segundo o relato de um morador do Distrito, “A feira movimenta o lugar, deixa ganho para o lugar. O Distrito na semana é um buraco, a feira deixa uma ganhozim pra cá”.

Figura 15 – Barracas montadas em frente à capela Distrito de Deserto, Itapipoca/CE.



Fonte: Próprio autor, 2013.

Figura 16 – Barracas com roupas - Distrito de Deserto, Itapipoca/CE.



Fonte: Próprio autor, 2013.

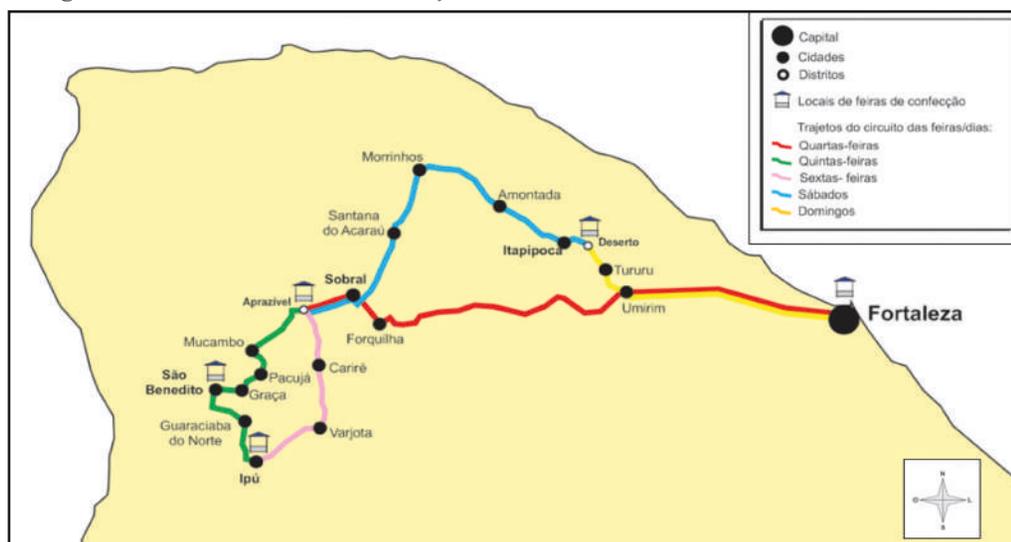
O depoimento nos aponta a importância da feira de Deserto na dinamização da economia do Distrito, que atrai compradores de vários municípios do litoral oeste e vale do rio Curu, a exemplo dos Municípios de Amontada, Bela Cruz, Miraíma, Umirim, Tururu, São Luis do Curu, Pentecoste, Uruburetama, Itapajé,

Trairi, Paraipaba e São Gonçalo do Amarante. Por volta de cinco horas, já podemos observar o grande fluxo de camionetas que fazem o deslocamento de pessoas de vilas e lugarejos para aquele Distrito, durante toda a manhã do sábado, quase sempre congestionando o fluxo de veículos na rodovia estadual. Aqui podemos reafirmar que a feira é um grande evento, conforme podemos comprovar em conversa com o motorista de uma camioneta (D-20) que fazia o percurso Umirim-Deserto, cuja distância era de 38 quilômetros, custando R\$ 3,00 (três reais) a passagem.

Podemos afirmar que essas camionetas são versões mais contemporâneas dos antigos caminhões mistos que faziam no passado o transporte de pessoas e mercadorias dos lugarejos, vilas e distritos, tendo a feira como ponto de parada e desembarque de pessoas. Constatamos, também, nas visitas de campo, vários veículos particulares com placas referentes aos municípios supracitados que se encontravam estacionados no entorno da feira. Era grande também o fluxo de veículos de transporte alternativo (*Vans, Sprinters*) que faziam o transporte de passageiros de municípios vizinhos para a feira. Mesmo, porém, considerando o predomínio do comércio da confecção, identificamos, em meio a grande profusão de barracas dessa mercadoria, agricultores comercializando sua pequena produção: uma ave de criação, um punhado de maxixe, um jerimum.

O ponto final dessa rede de feiras em circuito, conforme podemos visualizar na figura 17, ocorre em Fortaleza, em específico, no Centro dessa cidade, com a feira da rua José Avelino. Esta funciona nas proximidades do Mercado Central de Fortaleza, na madrugada do sábado para o domingo, assunto esse que será abordado em momento mais oportuno deste trabalho.

Figura 17 – Rede de feiras de confecção do Noroeste cearense, em razão dos dias de feira



Fonte: Próprio Autor, 2015.

Retomando a principal feira desse circuito, objeto de nosso maior interesse, enfocamos o seu funcionamento e os feirantes nelas envolvidos. Salientamos que, em certos momentos, a feira de Aprazível nos faz lembrar o papel que mercadores tinham no Período Medieval, quando se deslocavam de cidade em cidade, de lugarejo em lugarejo, para comercializar, na feira, mercadorias como tecidos. Esse circuito intenso e desgastante realizado pelos feirantes percorrendo mais de 750 quilômetros e a cada dia numa cidade diferente nos leva a indagar: quem são esses feirantes? Qual é o perfil da feira? Como se organizam? O que motiva a saírem de Fortaleza para realizar feiras nos municípios do interior do Estado? O que justifica a realização de tantas feiras em tão pouco tempo? É o que esperamos revelar a seguir.

4.1.3 Os feirantes e a organização e funcionamento da feira

Na perspectiva de Corrêa (1997, p. 279), as *interações espaciais* “[...] constituem um amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico”. A feira, nesse sentido, passa novamente a ser valorizada em sua dimensão espacial, sobretudo, pela capacidade de escoar a produção da confecção de pequenas unidades produtivas (facções). A feira assume um componente espacial na distribuição, circulação e consumo, que não tem como premissa a fixação/imobilização no espaço, mas se utiliza, justamente, da territorialização, da ação multiescalar, das articulações espaciais mediante um ponto de fixação temporária ao espaço. De outro modo, as redes tendem a ser requeridas nesse processo, com vistas a articular os circuitos da produção e distribuição aos circuitos da circulação e consumo. Importante é ressaltar, ainda, o perfil e a trajetória dos feirantes que fazem parte da feira. Cabe precisar, entretanto, como se define essa categoria de trabalhador.

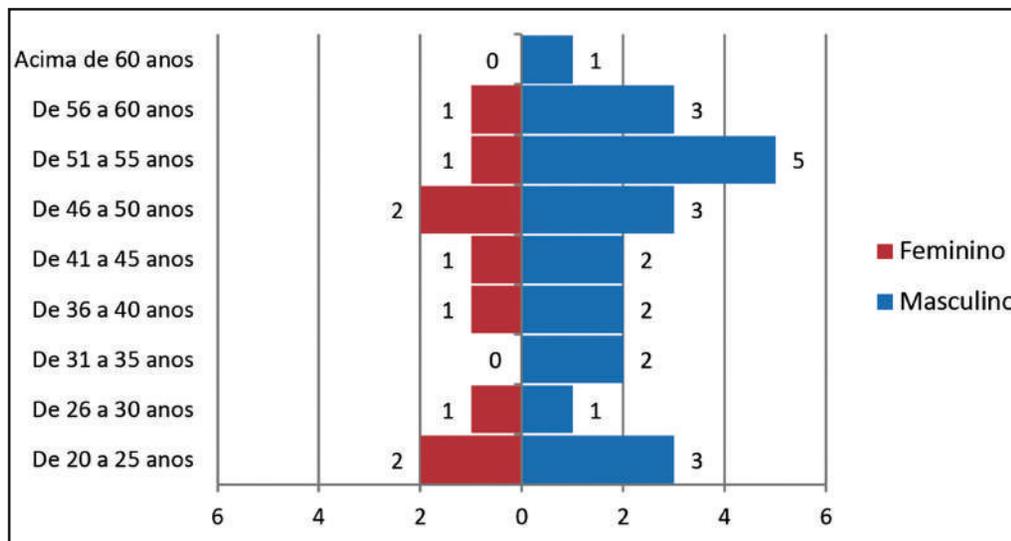
Uma noção sintética do que seja o feirante no contexto contemporâneo é dada por Sá (2011, p. 247), em seu estudo sobre os feirantes de alimentação na feira de Caruaru. Para ele, os feirantes são “[...] aquelas pessoas que realizam e mantém negócios no espaço da feira”. Mott (1975) estabelece uma distinção dos feirantes em duas categorias: produtores e revendedores. A primeira refere-se aos feirantes que produzem a mercadoria vendida na feira, enquanto a segunda categoria abrange os feirantes que apenas revendem os produtos. Assim, para ele, o feirante é “[...] toda e qualquer pessoa, produtor ou revendedor, homem ou mulher, adulto ou criança, que esteja vendendo algum bem ou mercadoria na feira” (p. 92).

Para traçar um perfil dos feirantes lançamos mão de alguns indicadores listados nos questionários aplicados na feira de Aprazível, que totalizaram 30 formulários. Eles começaram a ser aplicados nas primeiras horas do dia da

feira, quando ela começava a se instalar. Os questionários foram divididos pelas cinco tipologias de confecção mais representativas da feira, ou seja, Modinha, Moda *Jeans*, Moda Íntima, Moda Infantil e Cama, Mesa e Banho. Foram aplicados seis questionários por tipo de mercadoria, de modo a se ter um olhar mais apurado sobre as particularidades das tipologias de confecção que são vendidas nas feiras.

De um modo geral, a feira de confecção de Apazível é formada por pequenos fabricantes confeccionistas que apresentam, em sua barraca, uma ou duas tipologias de confecção. Os feirantes são compostos, em sua maioria, por homens na faixa etária de 50 a 60 anos, predominando como estado civil o de casado. Os feirantes na faixa etária de 46 a 60 anos representam a metade dos respondentes. Isso nos mostra a quantidade de pessoas com idade mais avançada que estão ocupadas no comércio de feira (Gráfico 2). Reafirma essa condição o relato de um feirante: “A gente chega aos 40 anos, aí as empresas coloca [sic] pra fora. Onde a gente vai arranjar ocupação é vendendo roupa na feira”.

Gráfico 2 – Feirante por faixa etária e razão de sexo – Apazível, Sobral/CE.



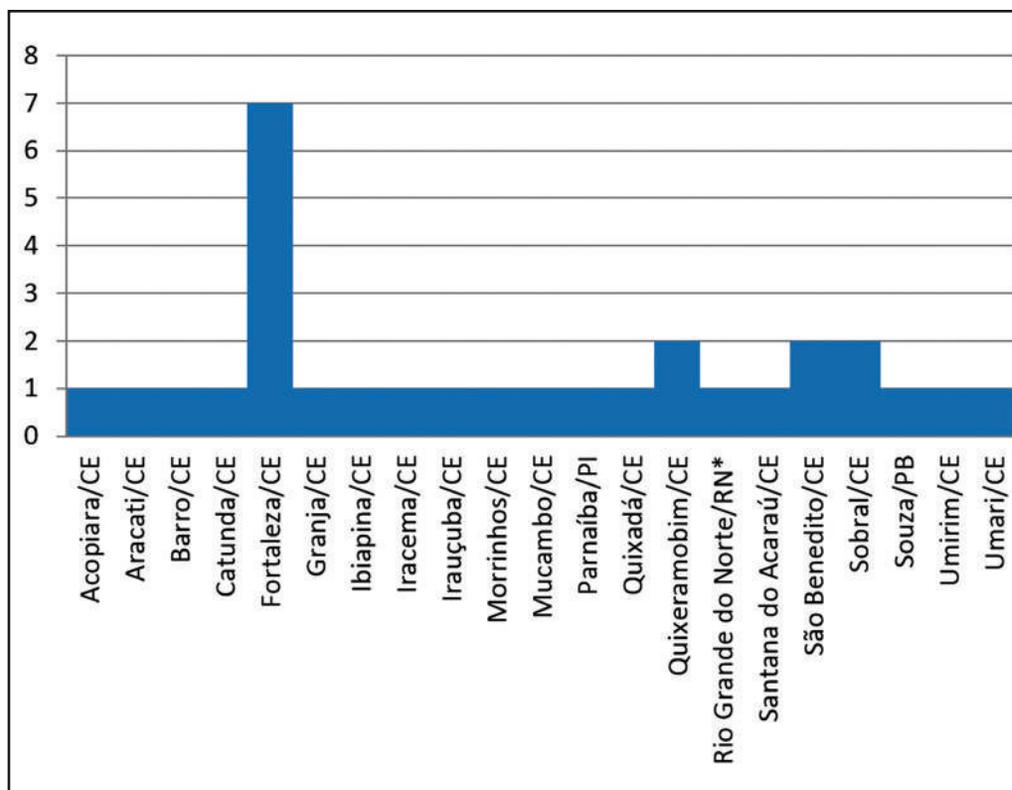
Fonte: Pesquisa direta (2015).

Atentamos também para o número de homens e mulheres de 20 a 30 anos que trabalham na feira, entre solteiros e casados, bem como, para aqueles de 31 a 40 anos, que constituem um segmento de trabalhador que já começa a ter dificuldade na obtenção de trabalho. Nesse sentido, o discurso do empreendedor

passa a compor a atmosfera da feira como elemento motivador para aqueles que dela retiram o sustento de cada dia.

De acordo com o Gráfico 3, podemos verificar a diversidade de municípios de onde são originários os feirantes, o que indica haver mobilidade de trabalhadores que passam a atuar na feira, o que reforça o papel desta na absorção de trabalhadores provenientes de vários municípios cearenses e de outras unidades da federação.

Gráfico 3 - Município onde nasceu o feirante de Aparaízel, Sobral/CE.



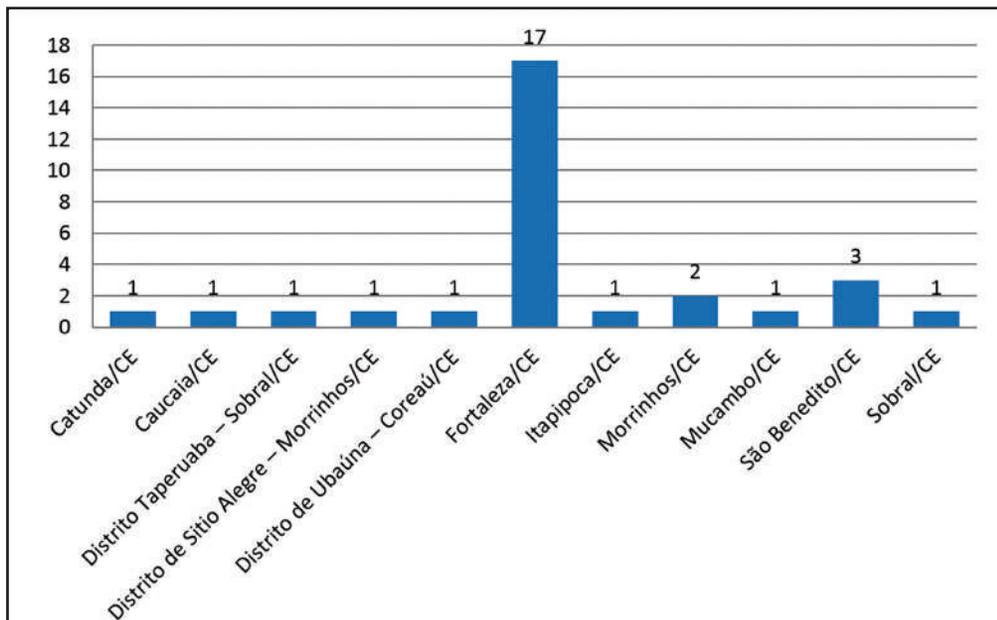
* Não identificou o município.

Fonte: Pesquisa direta (2015).

De um lado, podemos inferir que são pessoas originárias de municípios localizados em quase todas as sub-regiões do Estado do Ceará, mas com um destaque para a Capital, Fortaleza, com 23,5%. Por outro lado, podemos constatar também que outra grande parte dos feirantes nasceu em municípios próximos a Sobral ou que pertencem a sua região de influência. Têm ressaltado, também, feirantes nascidos em outros estados, como Rio Grande do Norte,

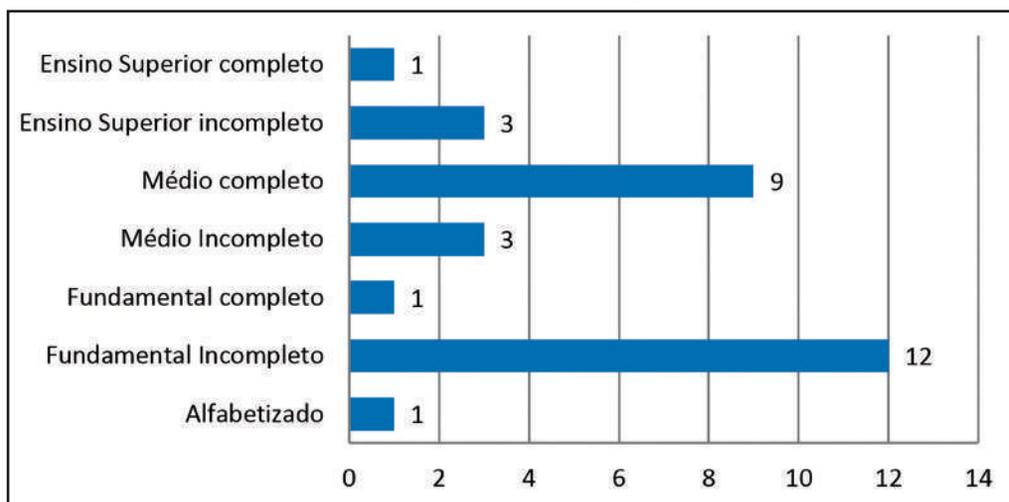
Paraíba e Piauí. Já em relação ao município onde constituem domicílio, constata-se que a maioria dos feirantes vem de Fortaleza. A feira também mobiliza, contudo, muitos feirantes das cidades da região de Sobral. Há dois pontos a serem esclarecidos com relação à origem dos feirantes. O primeiro refere-se ao fato de a maioria deles proceder de Fortaleza; e o segundo é que, depois de Fortaleza, predominam os feirantes originários da região noroeste (Gráfico 4)

Gráfico 4 – Município onde mora o feirante de Aprazível, Sobral/CE.



Fonte: Pesquisa direta (2015).

No que se refere aos anos de escolaridade, verificamos um número considerável de feirantes com formação fundamental incompleta. Considerando o fato de os feirantes serem homens com idade média acima de 50 anos, acreditamos que, se houvesse maior ocorrência de pessoas na faixa etária de 20 a 30 anos e do sexo feminino, a situação talvez fosse outra, isto é, de maior escolaridade. Há, entretanto, um grupo significativo de feirantes que informou ter ensino médio, bem como aquelas pessoas que cursaram ou estão cursando o nível superior – Filosofia, Física, Gestão Comercial, Pedagogia (Gráfico 5).

Gráfico 5 - A escolaridade do feirante de Aprazível, Sobral/CE.

Fonte: Pesquisa direta (2015).

Quando perguntados se exerceram alguma outra ocupação antes de vir trabalhar como feirante em Aprazível, muitos relataram sua trajetória profissional, relacionando-a a antigos empregos, em sua maioria, no setor do comércio e serviços. No caso, muitos foram comerciários, ocupando as funções de balconista, vendedor de loja, operador de caixa; ou prestadores de serviços, como faxineira, repositora, conferente, mecânico, garçom, açougueiro, padeiro, vigia, motorista, serígrafo. Dentre aqueles que já trabalharam no setor de serviços, registra-se a ocorrência de feirantes que militaram como professores e hoje estão operando como feirantes. Dos que já passaram pelo setor da indústria, destacam-se aqueles que trabalharam no ramo da construção civil, exercendo as atividades de pedreiros e/ou serventes. Outros feirantes indicaram que já trabalharam na indústria confeccionista e, na oportunidade, adquiriram conhecimento técnico do processo de produção como costureiros e conferentes de produção. É importante evidenciar homens identificados como feirantes que, antes de irem trabalhar na feira, eram ou ainda são agricultores. Suas trajetórias de vida, entretanto, foram marcadas pelo comércio na feira, ou seja, cresceram e ingressaram na vida profissional como vendedores ambulantes e comerciantes em feiras livres. Há, no entanto, feirantes que nunca passaram pela experiência do emprego formal com carteira assinada.

Outro ponto que emergiu ao tratarmos da trajetória profissional dos feirantes foi a migração motivada por trabalho. Muitos registram que houve a necessidade de migrar para outros estados, no caso, São Paulo e Rio de Janeiro, no Sudeste; Bahia e Rio Grande do Norte, no Nordeste; e Pará no Norte do Brasil. Registra-

mos o relato de feirantes moradores de municípios vizinhos que migraram para a capital, Fortaleza, a fim de obter melhores perspectivas de trabalho. Há, porém, os que retornaram para seus municípios de origem e, com a produção da confecção e seu comércio na feira, conseguiram prosperar, melhorando suas condições de vida. Interessante é notar o ofício de vendedor ambulante que retoma o comércio errante (mascate) relatado por alguns feirantes que têm uma trajetória de passagem por vários estados, como Bahia, Pernambuco, Minas Gerais, Goiás, Alagoas, São Paulo, Sergipe, Piauí. E, ainda, feirantes que tinham ou ainda têm a prática de fazer parte de outras feiras em outros estados, como é o caso das feiras de Caruaru e de Santa Cruz do Capibaribe, em Pernambuco.

No que se refere aos equipamentos utilizados na feira de Aprazível, registra-se a ocorrência de três tipos: o boxe de alvenaria, a barraca de ferro e a barraca de madeira. Dos feirantes respondentes, a metade (15) utiliza o boxe de alvenaria e, destes, a maior parte é própria, embora haja boxes que são alugados e outros cedidos. Entre as barracas de ferro (dez), apenas uma é alugada, enquanto as barracas de madeira são em sua totalidade dos próprios feirantes. A tipologia de barraca nos ajuda a compreender o modo de ocupação da feira como um todo. Os feirantes mais antigos e com praça de comércio consolidada na feira dispõem de boxes de alvenaria com espaços para guardarem as suas mercadorias, que ficam protegidas de roubos e livres de intempéries.

A feira tem uma estrutura constituída, em sua maioria, por este tipo de equipamento, isto é, por boxes de alvenaria que imprimem o caráter intrínseco de estrutura fixa da feira. Já as barracas de ferro e de madeira permitem maior mobilidade e flexibilidade, podendo ser transferidas de um ponto a outro da feira. Portanto, elas estão, em geral, localizadas à frente e nas laterais da feira. Nos fundos do terreno, ainda podemos constatar a construção de boxes de alvenaria, apontando o aumento de sua área fixa em meio às barracas de ferro e de madeira. A estrutura dos boxes de alvenaria faz com que a feira adquira uma disposição em fileiras identificadas pelas letras do alfabeto e numeração das barracas. O início das fileiras é composto por boxes de alvenaria e, à medida que se chega ao final do terreno, estes vão dando lugar às barracas de ferro ou de madeira. Verificamos também que, quando as barracas de ferro e boxes de alvenaria não estão ocupadas no dia de feira, são alugadas para outros feirantes. Embora haja barracas disponíveis, muitos feirantes optam por comercializar sua mercadoria no calçadão em frente à entrada da feira¹³, colocando lonas ou sacos de cereais para servirem como suporte para expor as mercadorias.

¹³ Parente (2014) atentou, em seu trabalho, para a denominação de “Sem Terras” para esta modalidade de ocupação em frente à feira.

Outro aspecto relevante a ser considerado na feira do Aprazível é a estrutura das cobertas, bem visível tanto dos boxes quanto das barracas. Elas são de telhados de zinco, salientando-se dois aspectos, um positivo e outro negativo. O primeiro aspecto, o positivo, é o maior conforto para o feirante, por não ter de montar a barraca que, assim como o boxe, permanece montada durante os dias em que não há feira, e também pelo fato de não ter de ficar colocando e tirando a lona de proteção de sol e chuva. Acreditamos que – e pudemos verificar isso em todas as feiras estudadas e visitadas – o ato de montar e desmontar barraca constitui uma das tarefas de desgaste para o feirante. No caso da feira do Aprazível, a estrutura dos boxes e barracas, muito provavelmente, foi concebida, considerando essas demandas do cotidiano de quem trabalha na feira.

O fator negativo desse tipo de estrutura, isto é, do telhado de zinco, diz respeito à questão ambiental local. O Distrito de Aprazível, onde se realiza a feira, está situado no semiárido cearense, numa região de pluviometrias irregulares e temperaturas médias que variam de 27 °C a 34 °C, das 8 às 12 horas. Com isso, a sensação térmica relacionada às altas temperaturas, debaixo dessas estruturas metálicas, é muito maior. Esse motivo, talvez, reafirme o início da feira ainda de madrugada e o seu encerramento por volta das nove horas da manhã.

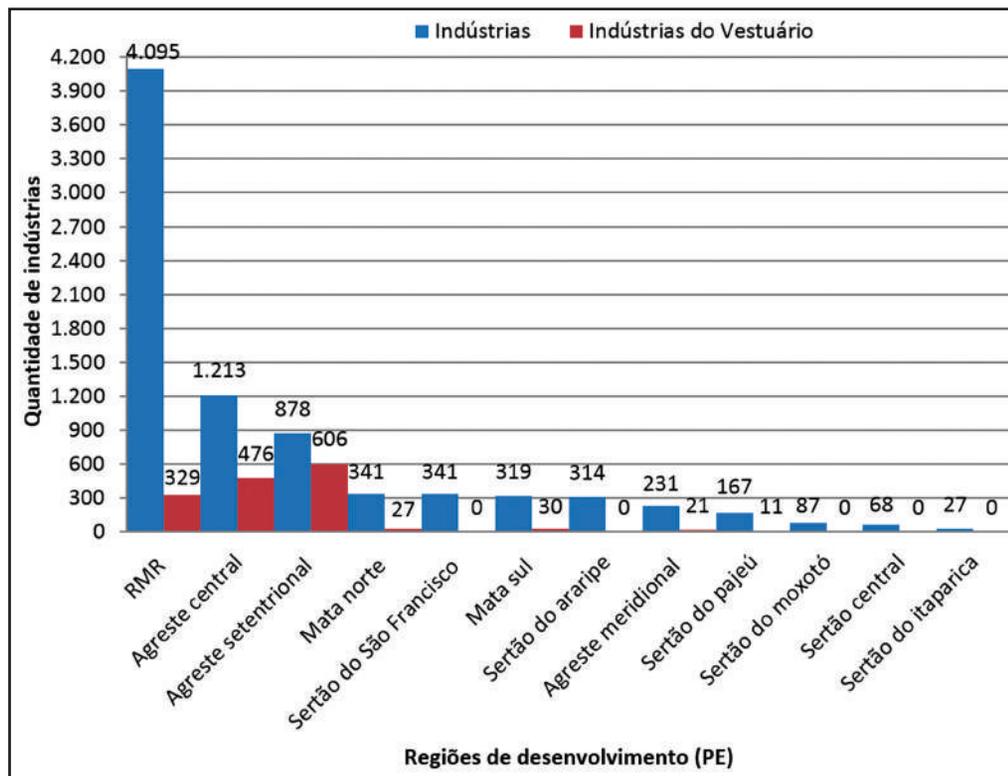
4.2 A FEIRA DE CARUARU – A CENTRALIDADE DO ARRANJO PRODUTIVO DE CONFECÇÃO DO AGRESTE PERNAMBUCANO

4.2.1 O surgimento da feira da Sulanca de Caruaru

Diferentemente da feira de Aprazível, a de Caruaru constitui-se numa centralidade histórica marcada pelo comércio na feira. Nelson Barbalho (1980), na obra *Caruaru, de vila à cidade*, apontava a importância do município de Caruaru em relação a outras localidades do centro-agreste pernambucano, já no século XIX.

O Agreste pernambucano é uma região marcada, atualmente, por grande desenvolvimento econômico e dinâmica espacial, principalmente, em função da aglomeração produtiva do setor confeccionista, tratado nos trabalhos de Lira (2009) e Espírito Santo (2013). Dados do Cadastro Industrial de Pernambuco (2011/2012) apontam, justamente, as regiões do Agreste Central, com 476 unidades fabris, e Agreste Setentrional, com 606 unidades fabris, como aquelas que acumulam a maior quantidade de indústrias do setor confeccionista, mesmo comparando-se com a Região Metropolitana do Recife – RMR, denotando a centralidade do arranjo produtivo de confecção no agreste pernambucano (Gráfico 6).

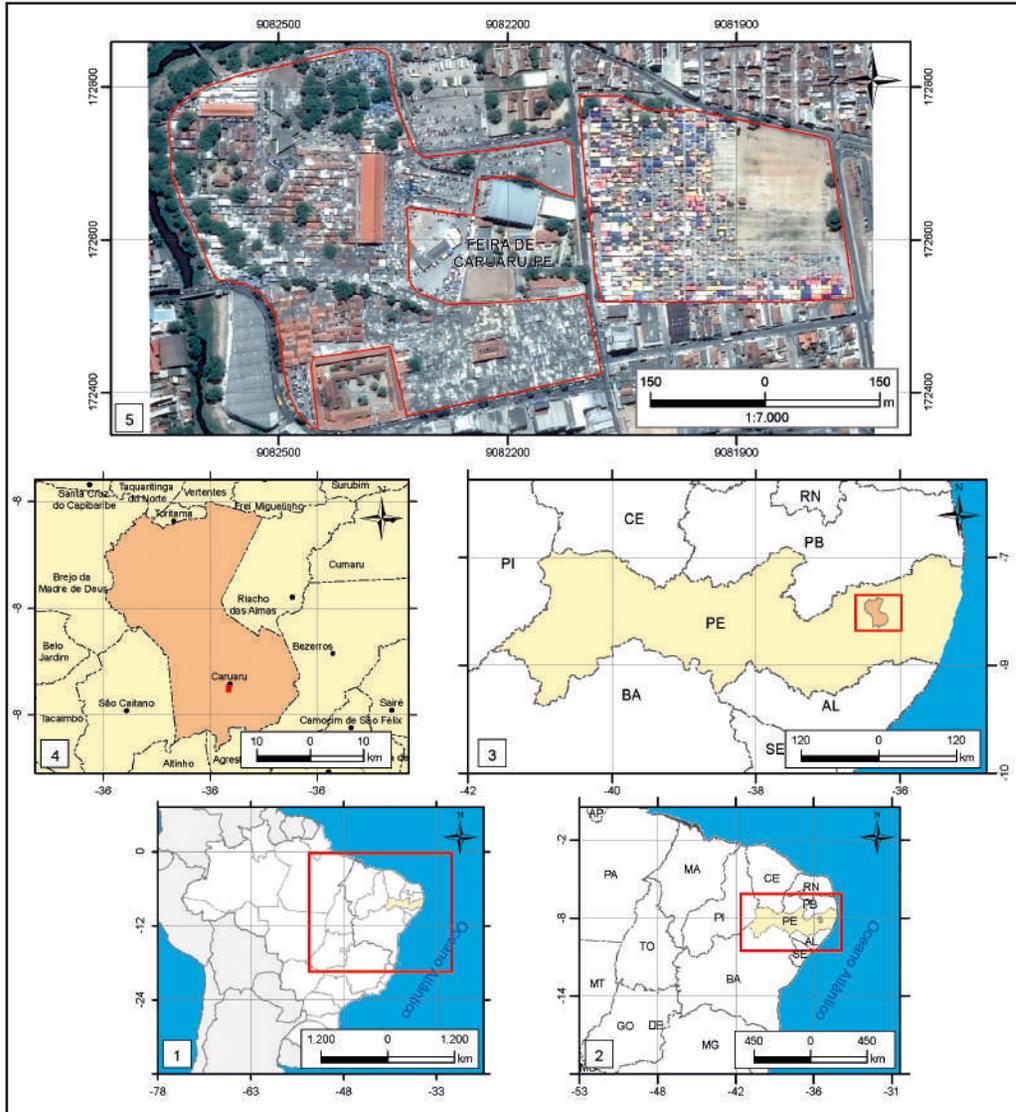
Gráfico 6 - Quantidade de Indústrias nas Regiões de Desenvolvimento e indústrias do vestuário (PE).



Fonte: FIEPE/SEBRAE (2012).

Hoje o Município se destaca como um dos principais polos produtores de confecção do Nordeste brasileiro, tendo também grande destaque o comércio de confecção popular nas feiras livres do Agreste pernambucano. A feira principal é a da Sulanca, que é uma dentre as várias feiras setoriais instaladas no Parque 18 de Maio, em Caruaru/PE, conforme já referenciamos. No mapa de localização (Figura 18), podemos visualizar a feira de Caruaru que, em virtude da sua extensão e importância, é uma referência não só para o comércio, mas também para a cidade e a região.

Figura 18 - Mapa de localização da feira de Caruaru no Parque 18 de Maio, em Caruaru/PE



SINAIS CONVENCIONAIS

• Sedes Municipais	▭ Município de Caruaru	▭ Limites Estaduais
▭ Localização da Feira de Caruaru	▭ Limites Municipais	▭ Limites Nacionais

1: Localização do Município de Caruaru/Pe no Brasil;
 2: Localização do Município de Caruaru/Pe no Nordeste do Brasil;
 3: Localização do Município de Caruaru/Pe no Estado de Pernambuco;
 4: Localização da Feira no Município de Caruaru/Pe;
 5: Delimitação da Feira de Caruaru;

Fonte:
 Malha estadual, municipal e distrital (IBGE, 2010);
 Malha nacional, Center for Diseases Control (CDC, 2010)
 Imagem do Google Earth (2016)

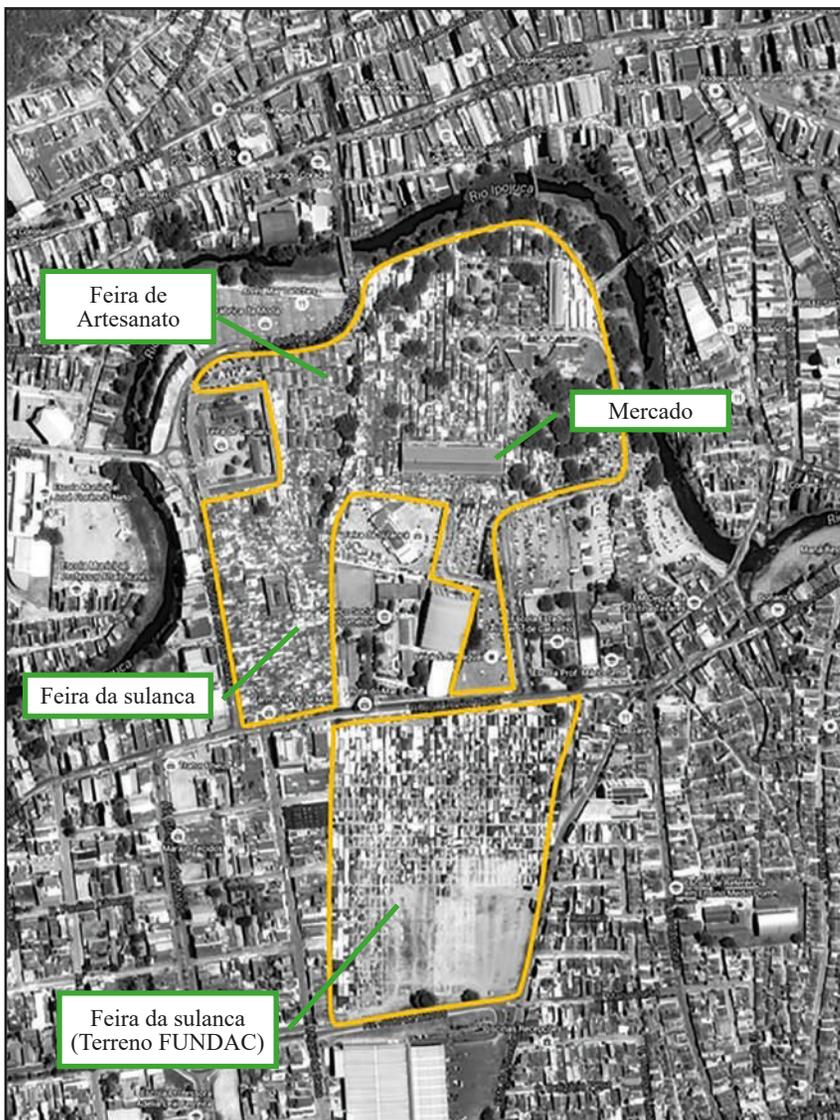
Parâmetros dos Mapas de Situação 5:
 Datum Horizontal: SIRGAS 2000, zona 25S;
 Projeção: Universal Transversa de Mercator (UTM);
 Meridiano Central: -33,0000;
 Fator de Escala: 0,9996;
 Unidades: Métricas.

Parâmetros dos Mapas de Situação 4, 3, 2 e 1:
 Datum: SIRGAS2000
 Unidades: Graus

Organização:
 Luiz Antônio Araújo Gonçalves;
 Cartografia:
 Roberto Jariyis Reis Lima;
 Geóq. CREA: 332130-4.

A feira de Caruaru exprime particularidades que não se restringem ao seu papel econômico, histórico e regional, uma delas deve-se ao fato de ser formada por várias feiras setoriais que compõe um aglomerado de barracas, como se pode visualizar na Figura 19. É tamanha a sua dinâmica a ponto de transformar as ruas do seu entorno num verdadeiro formigueiro de pessoas, compradores, sacoleiras e sacoleiros, incluindo novos feirantes que buscam prosperar no comércio da feira, sobretudo em tempos de crise de empregos.

Figura 19 - Perímetro do Parque 18 de Maio, onde está situada a feira de Caruaru/PE.



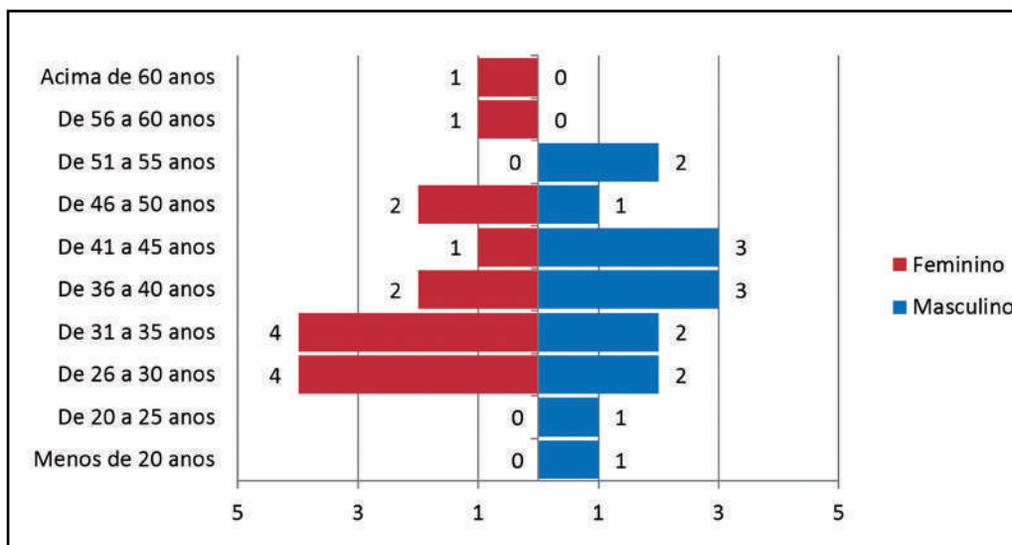
Fonte: *Googlemaps*, 2015 (Imagens editadas e sobrepostas). Acesso em: 13 set. 2015.

Desse modo, a feira deveria ser valorizada como prática espacial, resguardada como patrimônio do povo de Caruaru, mas parece haver antes uma reivindicação pela privatização do espaço da feira, que está se transformando em *shopping* popular, com desenhos padronizados de barracas de feira, ou seja, pequenos boxes com medidas de 2x1 m. O feirante deveria defender o espaço da feira, mas a lógica do empreendedor também sugere que este somente será um homem de sucesso fora da feira, em espaços construídos nos moldes de centros de compras que, todavia, mantém a estrutura da feira. Subtrair a feira do espaço urbano da cidade a nosso ver é um empobrecimento cultural, é uma visão homogeneizante das formas comerciais modernas.

4.2.2 Os feirantes da “Sulanca”

No que concerne ao perfil dos feirantes em Caruaru, podemos constatar algumas distinções em relação a Aprozível, mas também semelhanças. Na variável faixa etária, constatou-se que há um percentual maior de pessoas de 26 a 35 anos, porém, apontando uma tendência de concentração de feirantes nas faixas etárias de 36 a 50 anos. Dessa idade em diante, reduz-se o número de trabalhadores na feira. Embora não representem o universo da feira, os dados qualitativos nos ajudam a identificar feirantes trabalhando nessa faixa etária. A idade de 35 anos ainda aparece como de transição do estado civil de solteiro para casado. Este último predomina nas faixas etárias seguintes (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Feirante por faixa etária e razão de sexo – Caruaru/PE.

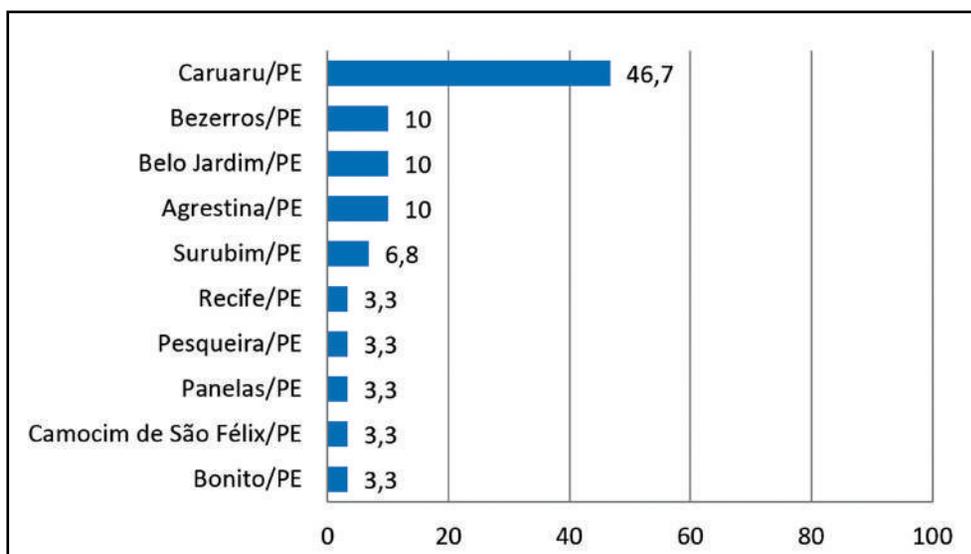


Fonte: Pesquisa de campo (2015).

O gráfico também nos aponta extremos, isto é, de jovens que começaram a trabalhar cedo na feira e não tiveram condições para cumprir o Ensino Fundamental e Médio. A feira torna-se uma alternativa para se ocupar produtivamente e obter uma renda. No outro extremo, estão os grupos mais idosos e com maior tempo de trabalho. Com baixa escolaridade, precisam e continuam trabalhando na feira para se sustentar e, em alguns casos, registram toda uma trajetória de vida dedicada ao trabalho como feirante. Há, ainda, aqueles que não sabem ler nem escrever e que, quando necessário, arriscam a assinatura do seu nome, conforme constatamos no relato de uma feirante viúva e de mais de 60 anos: “Só sei assinar meu nome”.

No tocante ao local de nascimento, os dados qualitativos e quantitativos nos permitem reafirmar a predominância do caráter regional da feira, atraindo pessoas nascidas em municípios vizinhos ou próximos de Caruaru, a exemplo dos Municípios de Agrestina, Belo Jardim e Bezerros. De acordo com Gráfico 8, cerca de 46,7% haviam nascido em Caruaru, ou seja, mais da metade dos entrevistados são originários de outros municípios do entorno.

Gráfico 8 – Município onde nasceu o feirante de Caruaru/PE.

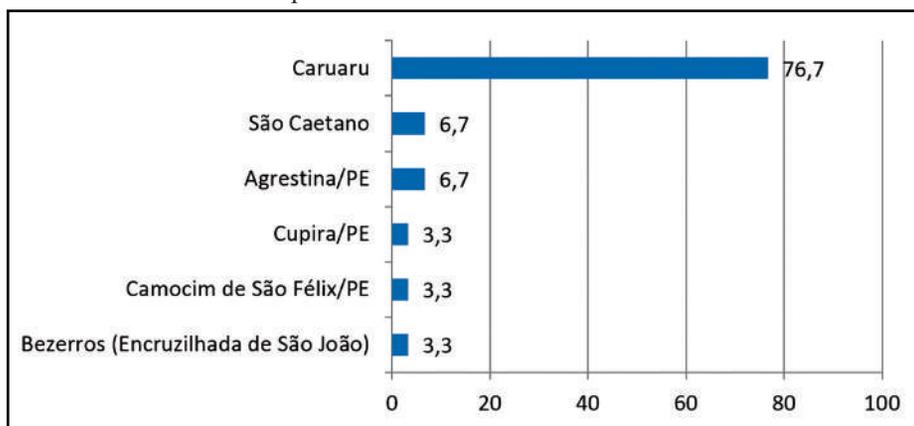


Fonte: Pesquisa de campo (2015).

Já o Gráfico 9 vai registrar o quantitativo dos feirantes, por local de residência, indicando, por extensão, a centralidade da feira, haja vista que mais de 75% dos feirantes que responderam ao questionário residiam em Caruaru, diferentemente de Arazá, cuja maioria dos feirantes era originária de Fortaleza.

No caso da feira Caruaru, evidencia-se a força de atração de trabalhadores de municípios vizinhos e de sua região de influência, inclusive de áreas rurais que passam a residir na cidade.

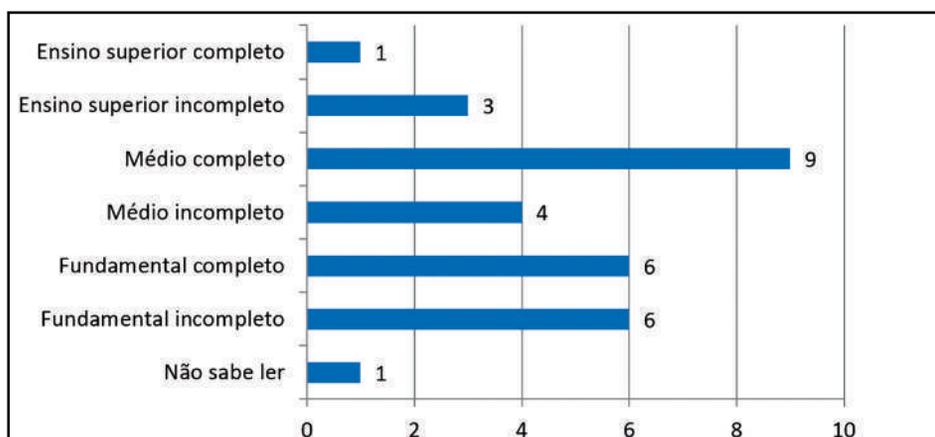
Gráfico 9 - Município onde mora o trabalhador da feira de Caruaru/PE.



Fonte: Pesquisa de campo (2015).

Quanto ao nível de escolaridade do feirante, conforme o Gráfico 10, observa-se o acesso à educação básica (Ensino Fundamental) e, posteriormente, o Ensino Médio, aí estabelecendo-se uma parcela maior que conseguiu concluir o Nível Médio e que abrange a faixa etária de 35 a 50 anos. Já aqueles que concluíram o Ensino Fundamental se enquadram numa faixa etária mais avançada, identificando-se, ainda, feirantes na Sulanca que concluíram o Ensino Superior ou que ainda o cursam.

Gráfico 10 - A escolaridade do feirante de Caruaru/PE.



Fonte: Pesquisa de campo (2015).

Quando indagados se exerceram outro ofício ou ocupação antes de trabalhar como feirantes, a maioria relatou que teve outro trabalho antes de ir para a barraca da feira. As ocupações foram as mais diversas, como açougueiro, ajudante de cozinha, ajudante de pedreiro, ajudante de padeiro, empregada doméstica, diarista, garçom, merendeira de escola pública, cozinheira, vendedora, professora, técnico de enfermagem, motorista por conta própria (toyoteiro), e ainda aqueles que fabricavam balas por encomenda. Identificamos, também, pessoas na condição de funcionário público, mas que utilizam o comércio da feira como meio para melhorar a renda. Paralelamente ao trabalho na feira, desenvolvem-se outras ocupações que lhe servem de suporte, destacando-se a função de motoristas de veículos (Toyota) muito comuns na paisagem do Agreste pernambucano. Por serem veículos de tração e de carga, são utilizados para transportar pessoas e mercadorias nos dias de feira, inclusive os fardos de confecção.

O ato de migrar para outra cidade ou para outro estado foi uma experiência de poucos entre os que responderam ao questionário, embora se verifique que grande parte é originária de municípios no entorno de Caruaru e, certamente, a atividade do polo de confecção e do comércio na feira absorveu a força de trabalho que no passado migrava para cidades de outras regiões brasileiras em busca de melhores oportunidades de trabalho. Dentre os que migraram, os destinos foram os Estados da Bahia e de São Paulo. Como em Aprazível, encontramos feirantes que não tiveram nenhuma ocupação antes de trabalhar na feira. Eles estão em todas as faixas etárias consideradas, porém, foi no intervalo de 26 a 35 anos que essa situação foi mais recorrente. Tal constatação pode ter várias explicações, como a chegada mais tarde ao mercado de trabalho, a falta de oportunidade de outros setores de atividades, dentre outros, o que remete à necessidade de uma análise mais detalhada sobre o mercado de trabalho na região.

No que se refere ao tipo de equipamento utilizado na feira da Sulanca, podemos constatar que a maioria absoluta dos feirantes utiliza banca de madeira ou de ferro. Apesar de contar com boxes de alvenaria, não foi citado como de uso massivo, a exemplo de Aprazível, onde esse tipo de estrutura de barraca predomina. As barracas de madeira são maioria na área da feira próxima ao mercado de carne, enquanto que as barracas de ferro são mais ocorrentes no terreno da antiga Fundação da Criança e do Adolescente – FUNDAC, que tem sua frente para a rua Ruy Limeira Rosal para onde a feira foi estendida.

A regularização do uso das barracas foi outro ponto a ser considerado, pois mais da metade dos nossos respondentes afirmaram que alugam as bancas de ferro ou de madeira para usar no dia da feira. O grande número de barracas,

principalmente de comércio de confecção, dificultou a entrada de mais feirantes que obtêm um ponto de comércio por meio do aluguel das barracas ou por intermédio de conhecidos que cedem o seu uso.

Notou-se, entretanto, uma redução no número de feirantes e barracas, haja vista o fato de que, no período da pesquisa, a região Nordeste atravessava seguidas estiagens, o que se tornou um fator de redução de público na feira. Outro fato que contribuiu para a redução nas vendas foi o contexto econômico desfavorável, que repercutiu de várias maneiras: aumento dos custos de produção, transporte, além das taxas pagas pelos feirantes pelo uso do espaço da feira. Despesas com o aluguel da barraca, o frete para que a mercadoria chegue à feira, a contratação de ajudantes de vendas, o pagamento de carregadores dos fardos de confecção até a barraca e as taxas pagas à Prefeitura pela ocupação do solo constituem os principais gastos que influenciaram no aumento dos custos para feirante e, conseqüentemente, no número de barracas.

4.3 A FEIRA DE SERRINHA/BA – A DIFUSÃO DO COMÉRCIO DA CONFECÇÃO NO SERTÃO BAIANO

4.3.1 A feira de Serrinha e sua localização

O Município de Serrinha está localizado no sertão baiano, distante 173 quilômetros da capital, Salvador, e tem população estimada em 82.621 (IBGE, 2016), 7,0% a mais do que a população de 2010, de 76.762 habitantes (IBGE, 2010d), resultando numa densidade demográfica de 122,97 habitantes/km². O Município é cortado pela rodovia federal (BR-116), chegando-se à Sede urbana por meio da rodovia estadual (BA-233).

A feira de Serrinha, à primeira vista, difere um pouco das duas feiras já comentadas, não obstante traços comuns, como a grande movimentação de pessoas que dinamiza a cidade. No nosso sentir, essa feira caracteriza-se como uma autêntica feira nordestina pela diversidade de produtos. Tínhamos a possibilidade de provar das diversas variedades da região, como os bolos, pães, bolachas, beijus e cocadas que estavam dispostos em tabuleiros em frente ao mercado, na rua Araújo Pinho. Funcionava próximo ao mercado [antigo] da farinha, nas imediações da Praça Miguel Carneiro.

O movimento da feira literalmente transformava a cidade numa verdadeira festa: festejar a fartura da colheita, a compra da mistura do dia, o encontro com os amigos. E, para completar a festa, encontrávamos, em pontos distintos

percorridos, a bombo da zabumba, o *lengo-tengo* de um triângulo e o folear da sanfona que tornavam aquele ambiente mais festivo. No quadrilátero da Praça Miguel Carneiro, conforme Figura 20, podíamos ver um labirinto de barracas demarcadas pelo comércio da confecção que ocupava praticamente todo o espaço da praça. No espaço de tempo de nossa pesquisa, verificamos uma mudança drástica no perfil da feira, em princípio, mais voltada para a comercialização de produtos agrícolas (hortaliças, frutas, feijão, farinha etc.) e, posteriormente, foi se caracterizando pelo predomínio de barracas de venda de confecção.

É grande o fluxo de carros de passageiros que vem de vários municípios da região para se abastecer naquela feira. Conforme os relatos de vários feirantes, a feira funcionava antes na praça da antiga matriz, hoje Praça Luiz Nogueira, sempre aos sábados, e durava o dia inteiro.

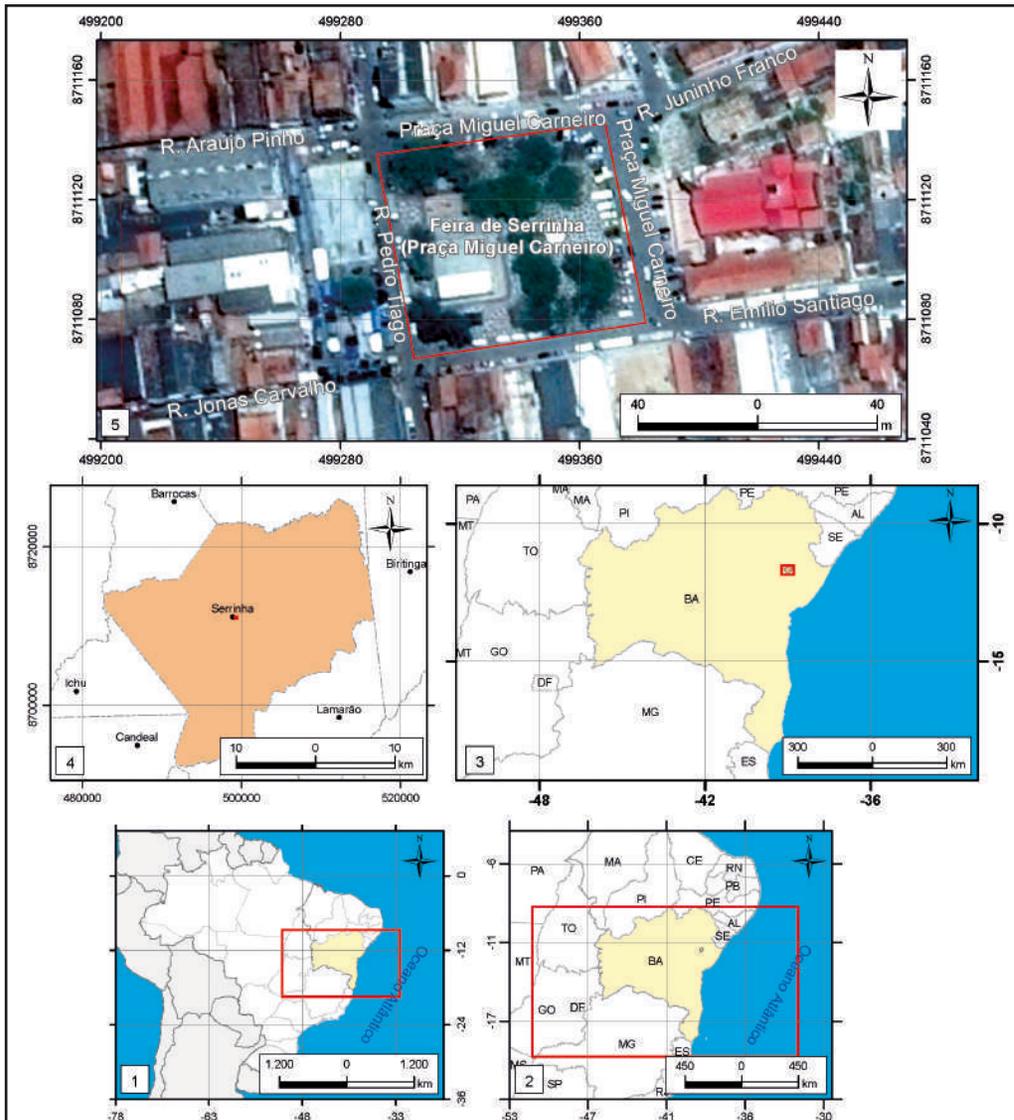
No decorrer da pesquisa, observamos que a feira de Serrinha também passou por mudanças na sua estrutura e modo de organização. No ano de 2014, o setor de hortifrutigranjeiro foi retirado da rua e realocado no Mercado Público José Santana Lima, ficando somente autorizada a montagem de barracas de comércio de roupas na Praça Miguel Carneiro, conforme mapa de localização (Figura 21).

Figura 20 – Barracas de confecção na feira de Serrinha/BA.



Fonte: Próprio autor, 2015.

Figura 21 - Mapa de localização da feira de confecção da cidade de Serrinha/BA.



SINAIS CONVENCIONAIS

* Sedes Municipais	Município de Serrinha - Ba	Limites Estaduais
Localização da Feira de Serrinha	Limites Municipais	Limites Nacionais

1: Localização do Município de Serrinha/Ba no Brasil;
 2: Localização do Município de Serrinha/Ba no Nordeste do Brasil;
 3: Localização do Município de Serrinha/Ba no Estado da Bahia;
 4: Localização da Feira no Município de Serrinha/Ba;
 5: Delimitação da Feira de Serrinha;

Fonte:
 Malha estadual, municipal e distrital (IBGE, 2010);
 Malha nacional, Center for Diseases Control (CDC, 2010);
 Imagem do Google Earth (2016)

Parâmetros dos Mapas de Situação 6:
 Datum Horizontal: SIRGAS 2000, zona 24S,
 Projeção: Universal Transversa de Mercator (UTM),
 Meridiano Central: -36,00000,
 Fator de Escala: 0,9996;
 Unidades: Métricas;

Parâmetros dos Mapas de Situação 5, 4, 3, 2 e 1:
 Datum: SIRGAS2000
 Unidades: Graus

Organização:
 Luiz Antônio Araújo Gonçalves;
 Cartografia:
 Roberto Jariely Reis Lima;
 Geop. CREA: 332130-4.

Hoje a feira acontece na praça da igreja nova, Praça Miguel Carneiro, ocorrendo em dois dias – às quartas-feiras e aos sábados – permanecendo na rua e na praça apenas as barracas de roupas. Embora, muitas barracas e pontos de venda tenham sido retirados, a feira de Serrinha permanece sendo uma típica feira nordestina dotada de uma dinâmica regional.

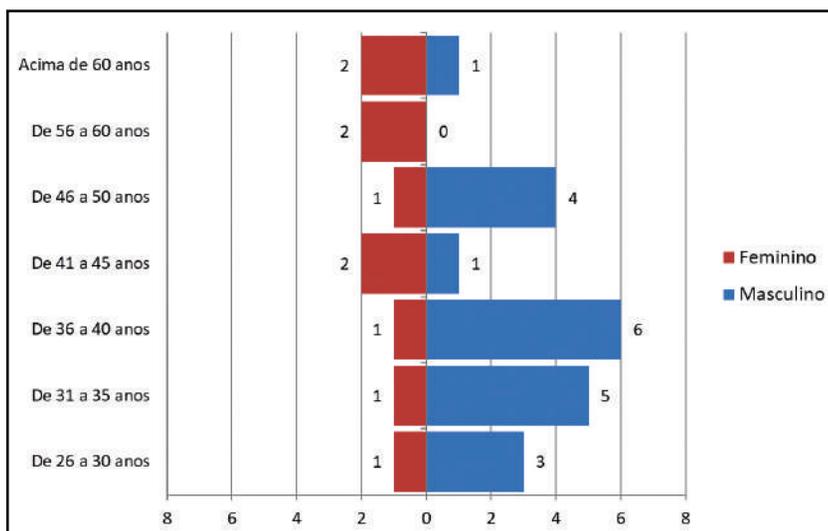
4.3.2 Os feirantes – mercadores ambulantes do sertão

Em entrevista com os feirantes de Serrinha, pudemos apreender um pouco de suas histórias de vida. A fala de um feirante mostra um pouco dessa trajetória profissional. No passado, ele trabalhava na feira, vendendo produtos eletroeletrônicos. Deslocava-se em caravanas até o Paraguai, a fim de trazer as mercadorias para vender em Serrinha. Por certo tempo, a atividade foi rentável, mas no momento em que o governo estabeleceu uma fiscalização mais rígida na fronteira e com a realização de barreiras de fiscalização nas estradas, seu trabalho ficou prejudicado. Foi então que migrou para o comércio da confecção.

Com suporte no questionário aplicado aos feirantes, pudemos verificar que, quanto à tipologia das mercadorias da barraca, deparamos uma especificidade dos feirantes daquela localidade. A maioria das barracas comercializava diversos tipos de confecção, ou seja, não há uma especialização do comércio de somente um produto. Talvez por estratégia de capturar todos os públicos, do homem à mulher, do adulto à criança, em sua barraca. Nesse sentido, verificamos que as barracas não têm uma tipologia predominante de mercadoria, em maior número, mas há um pouco de cada mercadoria. As barracas, assim, podiam ter a moda íntima como mercadoria principal, mas reservavam espaço para modinha ou peças de moda praia ou *fitness*. Vimos pouquíssimas barracas de feirantes comercializando somente um tipo de produto, a exemplo das barracas que comercializavam *jeans*.

Quanto ao perfil de idade dos feirantes, observamos que a feira de Serrinha acolhe grande margem de faixas etárias, isto é, de 26 até 60 anos, embora haja maior concentração na faixa etária de 31 a 45 anos, de modo geral, homem e casado (Gráfico 11). Tivemos, entretanto, a oportunidade de abordar várias mulheres feirantes que gerenciam suas barracas de modo autônomo. A partir dos relatos, vimos que a falta de ocupação levou muitos trabalhadores e trabalhadoras desempregados para o comércio da feira.

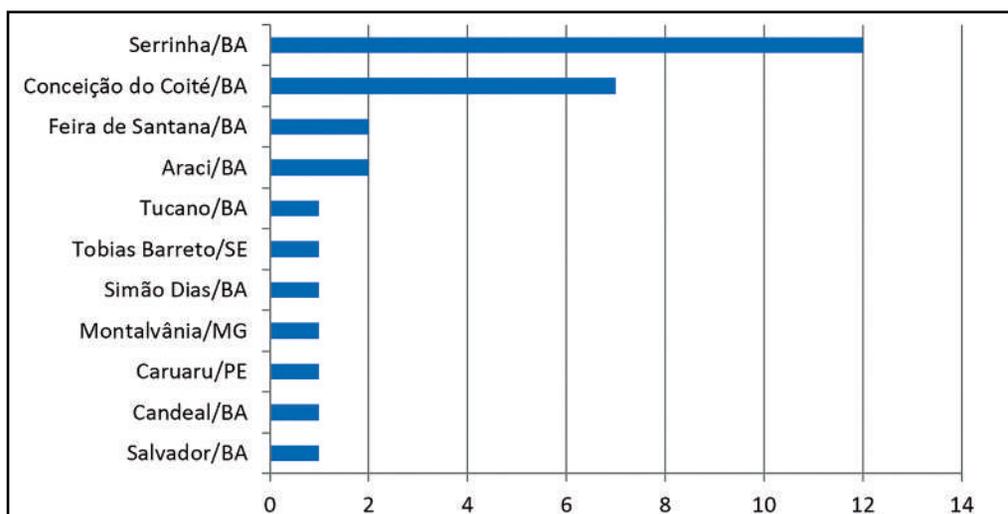
Gráfico 11 - Feirante por faixa etária e razão de sexo – Serrinha/BA.



Fonte: Pesquisa de campo (2015).

Embora o maior percentual de feirantes seja originário de Serrinha, podemos observar no Gráfico 12 que vários feirantes procedem de outros municípios baianos, a exemplo de Salvador, Araci, Candeal, Conceição de Coité, Tucano, Simão Dias e Feira de Santana. Registramos, ainda, feirantes que procedem de municípios de outros estados, como Caruaru/PE, Tobias Barreto/SE e Montalvânia/MG.

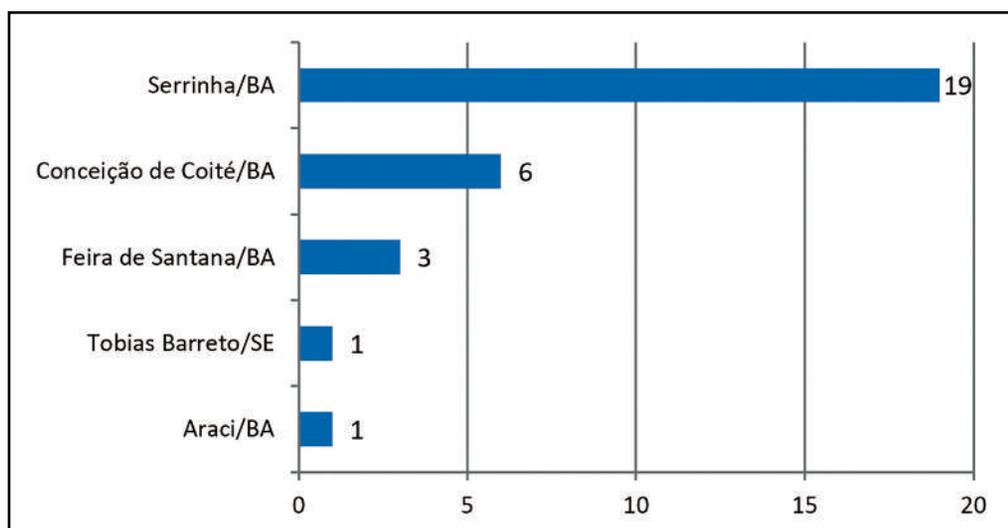
Gráfico 12 - Município onde nasceu o feirante de Serrinha/BA.



Fonte: Pesquisa de campo (2015).

É maior o número de feirantes domiciliados em Serrinha, diferentemente do passado, quando feirantes de outras cidades vinham comercializar confecção na feira deste Município e competiam com aqueles da cidade (Gráfico 13). A Associação dos Feirantes de Serrinha – AFS – reivindicou à Prefeitura de Serrinha para que houvesse uma sobretaxa para os feirantes de outros municípios que viessem ali comercializar. Assim ocorrendo, vimos que houve redução do quantitativo de feirantes vindos de municípios próximos, como Araci, Conceição de Coité e Feira de Santana. Destaca-se, entretanto, a ocorrência de feirantes vindos de outros estados a exemplo de um feirante vindo da cidade de Tobias Barreto, no Estado de Sergipe.

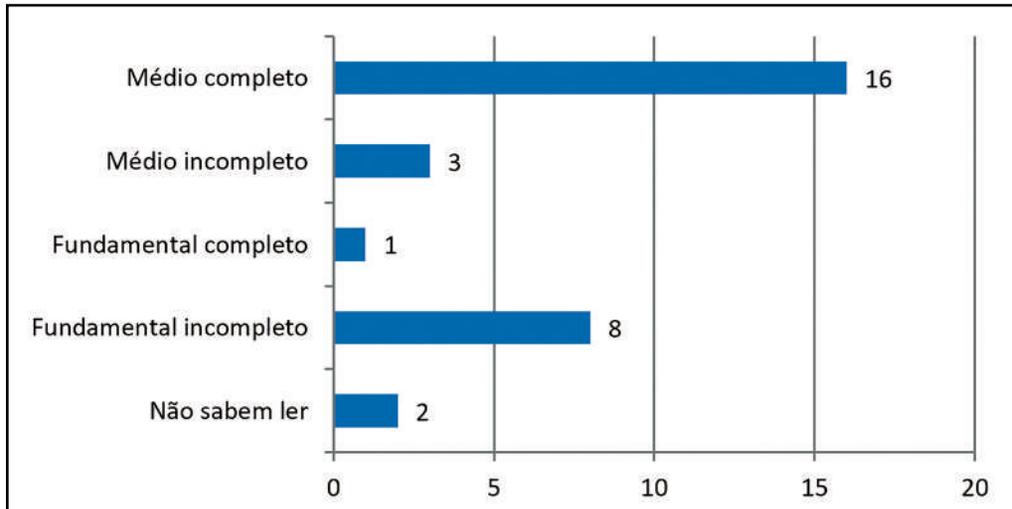
Gráfico 13 - Município onde mora o feirante de Serrinha/BA.



Fonte: Pesquisa de campo (2015).

Em relação ao nível de escolaridade média do feirante, podemos notar no Gráfico 14 que mais da metade dos respondentes tinha o Ensino Médio completo, porém, ainda temos feirantes não alfabetizados. Um número significativo de feirantes não conseguiu terminar o Ensino Fundamental. Nesse sentido, a feira foi o refúgio de ocupação para esses sujeitos que, muitas vezes, têm uma trajetória de vida calcada no trabalho dedicado ao comércio ambulante e de feira.

Gráfico 14 – Escolaridade do feirante de Serrinha/BA.



Fonte: Pesquisa de campo (2015).

A trajetória iniciada na feira ainda jovem implica afirmar uma série de falhas e falta de oportunidade na formação básica. A situação de falta de emprego conduz não somente as pessoas mais velhas e de baixa formação, mas também segmentos de mais jovens e com melhor nível de ensino, para o comércio da feira. A dificuldade em suas trajetórias laborais antes de ingressar na feira pode ser revelada por meio da trajetória profissional daqueles feirantes que já passaram por vários empregos com carteira assinada.

Muitos feirantes, antes ocupados no comércio, na indústria e nos serviços, deixaram empregos com carteira assinada para trabalhar na feira, conforme se constatou por meio dos questionários aplicados. Esses feirantes trabalharam antes como operadores de caixas de supermercados, vendedores de lojas em *shoppings* em Salvador ou, ainda, como empregados da indústria calçadista. Este foi um dos ramos industriais dinamizados no Nordeste com a reestruturação produtiva nos anos 1990, que culminou com a transferência de indústrias do Sul e Sudeste para esta região.

Para alguns, o primeiro emprego ajudou a ter a experiência profissional, uma referência em sua trajetória profissional. Apesar de se tratar da realidade de um centro regional, não se espera que todos tenham sua trajetória marcada por empregos formais e com registro em carteira.

Outros feirantes nunca passaram pela experiência do emprego formal e sempre trabalharam no comércio ambulante, muitas vezes, migrando de feira

em feira, de cidade em cidade. Esse perfil de ocupação se deu pela ausência de oportunidade no emprego formal. São pessoas de idade avançada que não tiveram as mesmas oportunidades dos mais jovens, que se engajaram anteriormente no emprego formal em atividades de indústria e comércio. A indústria calçadista que havia no município e que empregou os mais jovens só chegou mais tarde às cidades pequenas e médias com a reestruturação produtiva nos anos 1990.

Este é um aspecto da modernização e das transformações das relações de trabalho no Brasil para aqueles que vivem nas pequenas e médias cidades. A experiência do emprego formal só passou a ser uma realidade nessas cidades com a chegada de indústrias incentivadas por programas e agências de desenvolvimento regional, como a SUDENE, nos anos de 1950, ou ainda por meio de programas de renúncias fiscais de cada estado, ocasionando o que Milton Santos denominou de *Guerra de Lugares*.

Quando perguntado se já morou ou trabalhou em outra cidade ou estado da Federação, o que ouvimos foi uma diversidade de trajetórias realizadas ao longo do tempo. O quadro 1 evidencia o histórico caminho migratório da região Nordeste para a Sudeste, principalmente, para o estado de São Paulo.

Evidencia-se, porém, a migração de retorno. No que tange às atividades exercidas anteriormente, chamou-nos atenção o fato de que não eram as atividades industriais de transformação as principais empregadoras, predominando as atividades de serviços e construção civil. Quanto ao tempo de duração nos lugares de moradia anterior, constatamos um intervalo de tempo, variando de três semanas a catorze anos. Apesar da migração de retorno, São Paulo mantém-se ainda atraente, indicando uma notória mobilidade entre Serrinha/BA e São Paulo/SP. Depois de São Paulo, a segunda cidade que aparece é Salvador. Acredita-se que a frequência maior desse deslocamento em direção a São Paulo seja facilitada pelo fato de Serrinha e outras cidades encontrarem-se perto do entroncamento rodoviário composto pelas rodovias BR-116, e BR-101, passando por Feira de Santana e Salvador, em direção à região Sudeste do Brasil.

Quadro 1 - Local de moradia e trabalho exercido anteriormente, por tempo de duração.

➔ Local de moradia	D Atividade exercida	O Tempo de permanência
➔ Ibotirama/BA	D Camelô	O 1 mês
➔ São Paulo/SP	D Babá	O 5 meses
➔ Salvador/BA	D Vigilante	O 8 anos
➔ Inchu/BA	D Camelô	O 3 semanas
➔ São Paulo/SP	D Vigilante	O 14 anos
➔ São Paulo/SP	D Ajudante de pedreiro	O 7 anos
➔ São Paulo/SP	D Servente	O 1 ano
➔ Barreiras/BA	D Camelô	O 1 mês
➔ Salvador/BA	D Gerente de produção	O 9 anos
➔ Salvador/BA	D Operador de caixa	O 3 anos
➔ Conceição do Coité/BA	D Montador de móveis	O 5 anos
➔ Feira de Santana/BA	D Auxiliar de produção	O 7 anos
➔ São Paulo/SP	D Porteiro	O 14 anos
➔ Serrinha/BA	D Chanfrador de calçado	O 3 anos
➔ São Paulo/SP	D Ajudante de pedreiro	O 4 meses

Fonte: Pesquisa de campo (2015).

Verificamos o fluxo migratório na fala de muitos feirantes. A busca por melhores oportunidades de trabalho foi uma das principais expectativas capturadas. A seta de imigração dava-se no sentido Nordeste-Sudeste, todavia, como podemos verificar, todos os feirantes já realizaram a migração de retorno, buscando outras modalidades de ocupação, mas atualmente estão inseridos no comércio da confecção na feira livre de Serrinha. No que se refere à tipologia das barracas na feira de Serrinha, pudemos observar que o ferro tubular constitui seu tipo de equipamento básico. Para a maioria absoluta dos feirantes, a concessão do Município é própria. As barracas da feira começam a ser montadas por volta das quatro horas da manhã. Os feirantes e as mercadorias vão chegando aos poucos.

